

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO DE EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

David Eastwood Gruginski

O leitor contemporâneo de Noite na Taverna: o que a Internet tem a nos revelar

Florianópolis

2020

David Eastwood Gruginski

O leitor contemporâneo de Noite na Taverna: o que a Internet tem a nos revelar

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras - Língua Portuguesa do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Letras-Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Celdon Fritzen, Dr.

FLORIANÓPOLIS

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gruginski, David Eastwood
O leitor contemporâneo de Noite na Taverna : o que a
internet tem a nos revelar / David Eastwood Gruginski ;
orientador, Celdon Fritzen, 2020.
55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Noite na taverna. 3. Estética
da Recepção. I. Fritzen, Celdon. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Graduação em Letras Português. III.
Título.

David Eastwood Gruginski

O leitor contemporâneo de Noite na Taverna: o que a Internet tem a nos revelar

Esse Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharel em Letras Português-Língua portuguesa e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora

Florianópolis, 10 de dezembro de 2020

Prof. Heronides Maurilio De Melo Moura, Phd.

Coordenador do curso

Banca Examinadora:

Prof. Celdon Fritzen, Dr.

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Stélio Furlan, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof(a). Tania Regina Oliveira Ramos, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof(a) Silvia Ines Coneglian Crilho, Phd

Resumo:

A pesquisa teve como objetivo fazer uma análise de críticas e\ou resenhas publicadas por internautas em blogs e redes sociais dedicados à literatura - mais especificamente o Skoob – sobre a novela *Noite na taverna* de Álvares de Azevedo. Coletou-se um *corpus* de 10 textos, para a realização de uma análise de caráter qualitativo, baseada teoricamente na estética da recepção, especialmente no trabalho do crítico literário alemão Hans Rober Jauss .As ideias de Jauss sobre a crítica e historiografia literárias fundaram a estética da recepção, invertendo o eixo da teoria literária da produção para a recepção dos textos; aplicando os conceitos de horizonte de expectativas e da lógica da pergunta e resposta na interpretação de textos de outras épocas. Após uma retrospectiva da fortuna crítica de *Noite na taverna* em meio impresso, realizou-se a análise dos textos publicados na Internet. As principais categorias de análise detectadas foram a transgressão, a filiação ao ultrarromantismo de Lord Byron e o romance gótico, a juventude de Álvares de Azevedo e a condição feminina na novela. O inacabamento estético de *Noite na taverna*, justificado pela sua juventude, e o tratamento às personagens femininas foram os pontos que geraram polêmica entre os textos escolhidos, gerando uma não apreciação da obra por alguns leitores. Ao passo que outros leitores acolheram a obra, impressionados pela sublimação de negatividades morais e estéticas em uma linguagem considerada poética e de alto nível estético. Concluiu-se que o horizonte de expectativas contemporâneo de *Noite na taverna* é em boa parte modelado pela instituição escolar, não só pelo fato de quatro textos terem relação com a escola e seu ambiente circundante, mas também pela notável influência da classificação de eras e estilos literários convencionalizado pelo ensino secundário no *corpus* coletado.

Palavras-chave: Noite na taverna. Internet. Estética da recepção. Horizonte de Expectativas.

ABSTRACT

The research aimed to make an analysis of criticisms and \ or reviews published by internet users on blogs and social networks dedicated to literature - more specifically Skoob - about the romance *A Night in the tavern* of Álvares de Azevedo. A corpus of 10 texts was collected to carry out a qualitative analysis, theoretically based on the Reception theory, especially on the work of the German literary critic Hans Rober Jauss. Jauss's ideas on literary criticism and historiography founded the Reception theory, inverting the axis of literary production theory for the reception of texts; applying the concepts of horizon of expectation and the question and answer logic in the interpretation of texts from other times. After a retrospective of the critical fortune of *A Night in the tavern* in traditional print form, the analysis of texts published on the Internet was carried out. The main categories of analysis detected were transgression, the affiliation to Lord Byron's dark romanticism and the Gothic novel, the youth of Álvares de Azevedo and the female condition in the novel. The aesthetic flaws of *Night on the tavern*, justified by his youth, and the treatment of female characters were the points that generated controversy among the chosen texts, generating a lack of appreciation of the work by some readers. While other readers welcomed the work, impressed by the sublimation of moral and aesthetic negativities in a language considered poetic and of a high aesthetic level. It was concluded that the contemporary horizon expectations of *A Night in the tavern* is largely modeled by the school institution, not only because four texts are related to the school and its surrounding environment, but also due to the notable influence of the classification of ages and literary schools works agreed by secondary education in the collected corpus.

Keywords: *A Night in the tavern*. Internet. Reception Theory. Horizon Of Expectation.

SUMÁRIO

| | | |
|-------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA | 13 |
| 3 | MUDANÇA DE PARADIGMA | 15 |
| 3.1 | Um olhar justo ao passado | 16 |
| 4 | NOITE NA TAVERNA | 17 |
| 5 | A CHAVE DE LEITURA BIOGRAFISTA | 19 |
| 6 | INFLUÊNCIAS ESTRANGEIRAS: O GÓTICO E O FANTÁSTICO | 21 |
| 7 | NOITE NA TAVERNA E A QUESTÃO DA EMANCIPAÇÃO | 27 |
| 8 | PEQUENA SÍNTESE RETROSPECTIVA | 31 |
| 9 | O LEITOR CONTEMPORÂNEO | 33 |
| 9.1 | Um caso brasileiro | 35 |
| 10 | NOITE NA TAVERNA E SEUS LEITORES | 37 |
| 10.1 | Transgressão, sublimação e urgência da questão feminista | 38 |
| 10.2 | Crítica ao inacabamento estético | 47 |
| 10.3 | Romantismo: familiaridade e impressionismo | 49 |
| 11 | CONCLUSÃO | 51 |
| | REFERÊNCIAS | 54 |

1 INTRODUÇÃO

A novela *Noite na taverna* de Álvares de Azevedo, que foi publicada postumamente em 1855 (três anos após a morte do autor), tem sido reeditada inúmeras vezes até os dias de hoje¹. Sua presença nos programas curriculares do ensino médio e superior é constante. Isso no entanto não impede que a novela de Álvares de Azevedo seja, de certa maneira, um corpo estranho no painel literatura Brasileira, especialmente a literatura canônica. Essa estranheza é devida a sua filiação ao romance gótico, pouco praticado no Brasil tanto antes quanto depois de 1855. Outro fator que aliena *Noite na taverna* do resto da produção literária nacional é a sua tendência a se voltar para a vida interior de seus personagens, e não para o plano sócio-político, como fez boa parte da literatura do seu século e do seguinte. Os protagonistas da novela, a saber, Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann, sequer são brasileiros.

Cada personagem de *Noite na taverna* narra sua história em primeira pessoa, mas há um narrador onisciente na terceira pessoa que, com exceção dos primeiro e último capítulos, pouco interfere. As histórias desses cinco libertinos não têm relação direta entre si, cada uma possui um universo ficcional único, passando-se em diferentes lugares². A estrutura narrativa então se resume à reunião dos personagens na taverna, sendo este o tempo presente da história. Esses personagens são apresentados no primeiro capítulo: além dos cinco protagonistas existem Arnold e Archibald, companheiros de orgia dos protagonistas, bem como taverneiras e mulheres mundanas adormecidas pela bebedeira. É Archibald quem sugere aos

¹A título de comprovação e curiosidade, pesquisei a entrada *Noite Na Taverna* (com o filtro 'título') no catálogo de obras gerais da Biblioteca Nacional, considerada a maior biblioteca da América Latina. A busca registrou 56 títulos, dentre as mais diversas edições (incluindo a versão em quadrinhos). Realizei uma busca por Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado (de notória popularidade), para ter um certo parâmetro e tal busca registrou apenas 6 títulos a mais. Ou seja, a obra de Álvares de Azevedo faz frente a um *Best Seller* internacional (BIBLIOTECA NACIONAL, 2020).

² Os países são Itália (Solfieri e Gennaro), Espanha (Bertram), Inglaterra (Claudius Hermann) e França (Johann).

protagonistas a contação de histórias macabras, à que Solfieri atende primeiro (AZEVEDO, 1998, p.17), inaugurando assim o segundo capítulo, que leva o seu nome. A partir daí a obra segue uma estrutura parecida com uma coletânea de contos, com cada capítulo levando o nome de seu respectivo narrador (a já referida autonomia das histórias ajuda nessa impressão)³. No entanto, para além dos cinco protagonistas se encontrarem no mesmo recinto e dialogarem entre si há, no último capítulo, a irrupção de um personagem do capítulo *Johann*: sua irmã Giórgia (AZEVEDO, ibidem, p.85). Há também uma revelação sobre um dos convivas presentes: Arnold, que na verdade é Artur, e foi o grande amor de Giórgia⁴. Portanto, usaremos a denominação de romance ou novela para *Noite na Taverna* no decorrer deste trabalho, mas sem com isso negar o caráter de contos das narrativas apresentadas pelos personagens, visto que se tratam de narrativas curtas.

Esta obra será tema deste trabalho de conclusão de curso. A princípio interessei-me por um personagem de *Noite na Taverna*, que não tinha nome e aparecia e deu o ar de sua graça em pouco mais de um par de páginas. Ele aparece no capítulo Bertram, após este concluir uma fala acerca das desilusões da vida. Ele é descrito como um “[...]velho[...]”, com “[...]longas e fundas rugas[...]”(AZEVEDO,1998,p.37) que sulcavam sua cabeça calva, espessas sobrancelhas grisalhas e um igualmente espesso bigode. O personagem repete as duas últimas palavras da fala de Bertram que antecederam a sua entrada: miséria e loucura. Ele pede que encham uma taça de vinho para si e, após ser interpelado sobre sua identidade, discorre a respeito da mesma. Ele diz que foi soldado e participou da batalha de Waterloo, onde apertou a mão “do homem do século”, bebeu em uma taverna com Manuel Maria Barbosa Du

³ Álvares de Azevedo deu o subtítulo de “Contos Fantásticos” ao livro (OLIVEIRA, 2010, p.9).

⁴O caso de amor entre Artur e Giórgia fora arruinado por uma série de mal-entendidos protagonizados por Johann, começando pelo ferimento de Artur em um duelo. Pensando ter matado Artur, Johann tenta atender a seu último pedido: levar uma carta para a sua noiva. Ao entrar no recinto onde ela se encontrava, Johann aproveita a escuridão e se faz passar por Artur, tendo uma noite de amor com a moça. Ao sair do recinto, Johann é atacado por um homem e após luta corporal intensa o mata. Johann fez uso de uma lanterna para ver seu algoz e descobre que ele o é seu irmão. Assombrado por uma intuição volta ao recinto de onde saiu e reconhece sua irmã desmaiada de susto com a luta dos dois. O reaparecimento de Giórgia no último capítulo é um acerto de contas com o seu irmão Johann. Antes de se vingar de Johann tirando sua vida, Giórgia reconhece Artur, e ficamos sabendo que Arnold adotou esse codinome após sobreviver ao duelo com Johann e desencontrar-se com Giórgia. Esta, ao reconhecer que fez amor com irmão, virou mulher mundana. Giórgia mata Johann e comete suicídio. Com a mesma navalha, Artur também se suicida.

Bocage e conheceu Itália e Grécia, citando Dante Alighieri e Lord Byron. Se define como: “um vagabundo sem pátrias e sem crença” (Ibidem, p.38) e diz que peregrinou por vários países tendo diversas amantes. A seguir, o velho revela aos convivas duas relíquias que guardou de suas vivências: uma fita de cabelo da mulher amada e uma caveira, do jovem poeta Verner. Esta última choca os convivas, que acham tratar-se o velho de um profanador de sepulturas. Após mais uma fala, o velho propõe um brinde aos convivas e deixa a taberna. Bertram continua o seu relato como se nada tivesse acontecido (Ibidem, p.39). Esse personagem intrigou-me, mas após um mergulho pela fortuna crítica de *Noite na taverna*, nada ou pouco achei que pudéssemos desenvolver. Foi então que resolveu-se abordar um viés da recepção da novela de Álvares de Azevedo na contemporaneidade, tendo como fonte do *corpus* de textos a Internet, com seus blogs, redes sociais e sites dedicados à literatura. As teorias da estética da recepção, especialmente as de Hans Robert Jauss, foram a escolha do referencial teórico. Especialmente o texto *História da literatura como provocação à ciência literária*, produto de sua aula inaugural na Universidade de Constança (Desenvolverei a respeito na seção seguinte).

Sobre a recepção de *Noite na taverna* Jéfferson Donizetti de Oliveira (2010) realizou uma extensa pesquisa de teor reflexivo: “Um Sussurro nas trevas: uma revisão da recepção crítica e literária de *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo.”, sua dissertação de mestrado pela USP. Sua pesquisa nos serviu de fonte para a elaboração da fortuna crítica de *Noite na taverna* seja como parte da mesma (pois o autor não se limitou apenas a registra-la de forma acrítica e passiva, se posicionando sobre a obra), seja como fonte secundária para as obras que estavam fora de nosso alcance.

Aferir a recepção contemporânea de *Noite na taverna* com base na ideia do horizonte de expectativas e da lógica da pergunta e resposta de Jauss⁵ se constituiu no problema de pesquisa desse trabalho de conclusão de curso.

O leitor ao ter contato com uma determinada obra literária, carrega consigo preceitos estéticos formados por toda literatura que ele até então consumiu, assim como a visão

⁵ Baseando-se na hermenêutica de seu professor Hans-Georg Gadamer.

de mundo advinda de sua educação (entre outros fatores extrínsecos) - o que Jauss chama de horizonte de expectativas.

O método, ou lógica da pergunta e resposta proposto por Jauss é um instrumento de investigação das obras do passado, a partir da recepção dela em sua época e nas épocas posteriores. Essa lógica parte do princípio que a obra literária confere resposta(s) à determinada(s) pergunta(s) do público que a lê. Esse diálogo pode não acontecer de maneira sincrônica, como demonstrado no caso de *Madame Bovary* (JAUSS,1994). Também os anseios do público mudam (conforme este muda também) e a mesma obra pode trazer novas respostas, se continuar a ser lida pelas gerações posteriores. Ao analisar uma obra do passado, segundo esse método, é necessário realizar uma fusão do horizonte de expectativa contemporâneo a leitura com o horizonte de expectativas que cercava a obra em sua época de lançamento. Essa fusão possibilita uma análise mais justa e objetiva, na medida do possível. Senão vejamos a injustiça que seria julgar uma obra escrita na época colonial do Brasil, em meio ao frenesi *byroniano* que afetou parte da juventude letrada da época, unicamente com valores dos anos 2010. Urge saber então a que perguntas *Noite na taverna* serve como resposta em nossa época e como essa recepção contemporânea espelha ou diverge da fortuna literária que se constituiu nos tradicionais meios impressos (livros, jornais, revistas, etc...)

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

No texto inaugural da estética da recepção, Jauss⁶(1994) fez um diagnóstico da crise que se abatia sobre o outrora honrado ofício do filólogo. O filólogo é, em poucas palavras, um historiador das línguas e literaturas nacionais, que indica quem foi importante na literatura de seu país. Quando a filosofia idealista da história estava em voga, na Alemanha do século XIX, cabia ao filólogo demonstrar como e quando, em um processo evolucionário, se formou o espírito nacional através da literatura. Esse processo era teleológico, ou seja, vislumbrava uma culminação desse espírito nacional; um auge que supostamente ocorreu quando se formou politicamente o estado nação alemão (um processo de unificação que aconteceu em 1871). À frente dessa missão estava o historiador alemão Georg Gottfried Gervinus e suas obras *Geschichte der poetischen Nationalliteratur Der Deutschen* (História da Literatura Nacional Poética dos Alemães) e *Grundzüge Der Historik* (Fundamentos da Teoria da História). Para Gervinus, baseando-se em ideias do historiador alemão Wilhelm Von Humboldt, o desenvolvimento cultural da Alemanha até a sua unificação a credenciava a ocupar o posto que a Grécia tinha na antiguidade (Ibidem, p.10). Porém, dentro desse sistema teleológico de viés nacionalista, o historiador\filólogo se via dispensado de analisar a literatura pós unificação, tida de antemão como decadente. Postura que o próprio Gervinus adotou (Ibidem, p.11).

A filosofia idealista da história ruíra e junto com ela o sentido teleológico. A função do historiador passou a ser então de descrever os períodos históricos sem julgá-los com os valores do presente, como postulava o historiador Leopold Von Ranke (apud JAUSS, 1994, p.12). Na literatura, a consequência disso foi a limitação do trabalho crítico do historiador a pouco mais que um enumerador de escritores e estilos, cada qual em sua respectiva época. Dessa maneira já não era apenas a conexão do passado com o presente que se perdia, mas das épocas pretéritas entre si. Cada período histórico ficou estrangulado em seu respectivo nicho temporal e a literatura contemporânea ficou a cargo dos críticos literários, tidos como pouco mais que meros diletantes, distantes do espírito científico exigido pela predominância do positivismo

⁶ Hans Robert Jauss (1921- 1997).

na virada do século XIX. Coube ao formalismo russo e a crítica marxista conciliar a crítica literária com os métodos científicos considerados mais avançados da época.

O formalismo buscou a ciência literária em estado puro, sem interferências de outras artes e do meio social. Opôs a linguagem que usamos no dia a dia à linguagem artística, mais especificamente à linguagem poética. Esta não designava apenas os poemas, mas toda linguagem que causava um estranhamento no leitor, modificando a sua forma de olhar para os objetos e eventos presentes em sua rotina diária, “desautomatizando” assim a sua percepção. Esse estranhamento seria provocado pela manipulação dos procedimentos literários dos autores que, logrando formas novas, inéditas, alçariam suas obras ao panteão literário formalista. Ao entrar no cânone literário, essas formas novas não mais gerariam estranhamento, abrindo espaço, dessa maneira, para as novas obras inovadoras que surgissem na série literária. O formalismo teve que abandonar a pretensão de sincronia do início de suas investigações, já que se mostrou impossível identificar as obras inovadoras sem confrontá-las com a literatura pretérita. No entanto, a perspectiva histórica deles parava por aí, e tampouco abordavam o sentido das obras dentro de uma perspectiva de conteúdo, com suas implicações éticas e morais.

A crítica marxista procurou reconhecer na literatura o reflexo da sociedade capitalista e suas estruturas. Jauss aponta que isso é difícil, pois as mudanças na superestrutura ocorrem com muito mais rapidez que na infra-estrutura. Outro problema é que ao priorizar as obras que espelham a sociedade, os marxistas relegavam ao ostracismo a literatura na qual a forma não é mera moldura do conteúdo, isto é, a literatura do modernismo, das vanguardas literárias. Essa postura da crítica marxista revelava um conservadorismo estético, representada por exemplo por Georg Lukács, um importante historiador literário Húngaro.

Tanto o formalismo como o marxismo literário foram bastante influenciados pelos acontecimentos políticos ocorridos, especialmente, na União Soviética. A Sociedade Para o Estudo da Linguagem Poética (OPOIAZ) foi aonde os fundamentos teóricos do formalismo começaram a se desenvolver. Viktor Chklovsky, Yuri Tynianov, Boris Eikhenbaum, Roman Jakobson foram alguns dos teóricos que surgiram nessa época - os anos 10 e 20 do século passado. Não cabe detalhar aqui esse período histórico, mas apenas enfatizar que, sob o regime de Josef Stalin, a maioria desses teóricos

tiveram que emigrar para outros países, como a Tchecoslováquia, centro importante da dos estudos linguísticos e literários que eram caros aos formalistas⁷. Já os críticos marxistas abandonaram algumas premissas durante os anos do Estalinismo e após a queda do líder Soviético, como a dependência da literatura do modelo econômico no qual ela está inserida. Isso abriu caminho para outras formas literárias além da classicista e colocou os marxistas em uma encruzilhada que interessava a Jauss no momento em que ele preparou o seu *A História da Literatura como Provocação a Teoria literária*.

3 MUDANÇA DE PARADIGMA

Jauss alegou partir do problema legado pelos formalistas e marxistas, a saber, o abismo existente entre a literatura e a história que eles não conseguiram superar. E por que não conseguiram? A grosso modo porque seus preceitos estéticos eram baseados na produção, e não na recepção. Jauss tentava dar ao público leitor o seu lugar devido no campo da teoria literária. O que interessou a Jauss na relação entre obra literária e público era o diálogo que poderia estabelecer-se entre essas duas esferas no decorrer das épocas, o que explica em parte o interesse desse estudioso pela história.

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual[...] (JAUSS, 1994, p.25)

Horizonte de expectativas é um termo chave da teoria da recepção, pois é esse horizonte e suas modificações que faz a mediação entre a literatura e o público, sendo esta relação o motor da história literária (segundo a perspectiva que Jauss desejava instaurar). O verdadeiro historiador da literatura é e antes de tudo, um leitor em constante atualização, que não se atém apenas à literatura do passado.

Com o que foi exposto no parágrafo anterior, é fácil pressupor que o sucesso de venda de um livro não atesta sua qualidade artística segundo a estética da

⁷ Por prescreverem a autonomia das ciências da linguagem em relação aos outros campos.

recepção. No entanto, tal sucesso também não é uma mácula na dignidade artística de um romance, por exemplo. O aspecto comunicativo da literatura não foi condenado por Jauss (pelo contrário). O que ocorre, algumas vezes, é que uma determinada obra forma seu público de formas gradativa e relativamente lenta na história. Isso pode acontecer quando um livro é tão inovador em seus procedimentos estéticos e/ou em seu conteúdo (no sentido de engendrar uma nova visão de mundo), que se torna intragável para os seus contemporâneos. A obra então precisa esperar que ocorram mudanças no horizonte de expectativas, para ser resgatada pelo público. A compatibilidade de um livro com um determinado horizonte de expectativas o promove ao status de cânone literário. No entanto, como o horizonte de expectativas está sempre mudando (é desejável que isso ocorra, ao menos) não é anormal que uma mesma obra revele diferentes sentidos no decorrer da história, pois ela se defrontará com diferentes horizontes de expectativas. Esse traço camaleônico é que atesta sua qualidade estética, dentro dos princípios da estética da recepção. É preciso deixar claro também que não há um horizonte de expectativas para cada época, de forma unívoca, mas uma diversidade de horizontes em cada época, pois os leitores são plurais em sua formação intelectual, social e espiritual. Tampouco há uma transformação evolutiva de formas e conteúdos que culminam na 'literatura perfeita' mas uma constante reocupação de posições das obras no cânone literário. Sendo que esta reocupação pode ocorrer pela interferência da recepção, não apenas de forma auto gerativa, como defendiam os formalistas.

3.1 UM OLHAR JUSTO AO PASSADO

Identificar o horizonte de expectativas no qual uma dada obra literária está mergulhada é essencial no que diz respeito às obras do passado. Caso contrário, há o risco de se cometer injustiças com a obra, julgando-a com preceitos da época presente, preceitos esse que o autor até poderia imaginar, mas jamais adivinhar. Isso nos leva a questão do como identificar tal horizonte. Para além da pesquisa histórica do entorno literário e social que envolve a obra (e o que o antecede e sucede também) é possível identificar o horizonte de expectativas dentro da obra em si, a partir das convenções de gênero e costumes que ela evoca - seja para a filiação ou rompimento destas - e o conhecimento prévio que o autor assume que o público tem, revelando

assim para quem ele está endereçando o seu texto. Jauss preferia este método, que consiste na identificação do leitor implícito (Zilbermann, 1989, p.60-66).

A rejeição ou acolhimento da obra, claro, foge ao controle do autor (seja em seu tempo ou no futuro), mas o potencial de significações que sua obra pode suscitar depende da qualidade estética do seu texto. É esta qualidade estética que define o potencial de desdobramentos de sentidos que um texto possui, desdobramentos esses possibilitados dialogicamente pelo poder criativo da recepção. É necessária a distância estética, que é a diferença do que a obra oferece (enquanto experiência para o leitor) em relação ao horizonte de expectativas com a qual ela se choca, para ocorrer a mudança de horizonte que emancipa a percepção do leitor, tanto na esfera literária quanto nos valores sociais. Essa mudança de horizonte possibilita relacionar a história da literatura com a história geral.

4 NOITE NA TAVERNA

Noite na Taverna é um romance brasileiro de autoria de Álvares de Azevedo, escritor paulistano que nasceu em 1831 e morreu em 1852. Foi lançado postumamente, como toda sua obra, com exceção de *Discursos* (AZEVEDO, 1998). O livro narra as histórias trágicas de cinco libertinos que se encontram em uma taverna, em uma noite muito chuvosa. A obra, lançada em 1855, possui uma longa história de recepção que será esmiuçada a seguir, para que compreendamos as diferentes perguntas (receptionais e hermenêuticas) à que *Noite na taverna* serviu de resposta no decorrer de todos esses anos. Em nossa pesquisa da fortuna crítica da novela de Álvares de Azevedo, detectamos três categorias de análise que ganharam volume nessa história da recepção: a chave de leitura biografista, a filiação ao gótico e influências estrangeiras e o caráter ideológico da obra. Reparamos que o caráter ideológico da obra é uma categoria de recepção historicamente mais recente que as demais. Após esse histórico, partiremos para a recepção contemporânea de *Noite na Taverna*.

5 A CHAVE DE LEITURA BIOGRAFISTA

Noite na taverna em sua recepção inicial é tida como obra menor do autor e é percebida ora como fruto da mente excitada de Azevedo (digerindo o romantismo europeu de Lord Byron e Alfred de Musset), ora como um documento das orgias da juventude *byroniana* paulista - colegas de faculdade de direito de Álvares de Azevedo (dos quais faziam parte Bernardo de Oliveira, por exemplo).

A chave de leitura de *Noite na taverna* pelo viés da vida do seu autor foi bastante utilizada para entender o romance. Para muitos estudiosos da vida e obra de Álvares de Azevedo, *Noite na taverna* foi inspirada pelas desventuras do autor (ou ao menos de seus colegas) quando estudante de direito, vivendo em uma pensão na então pacata São Paulo. No primeiro capítulo do romance, um dos convivas cede um indício a essa hipótese: “[...] nós que amanhecemos nas noites desbotadas de estudo insano[...]” (AZEVEDO, 1998, p.17).

Silvio Romero (apud OLIVEIRA, 2010, p.23), afamado intelectual brasileiro da virada do século vinte, defende que a morbidez e a extravagância dos acontecimentos de *Noite na Taverna* se devem às influências literárias devoradas por Álvares de Azevedo - tais como Lord Byron, Alfred de Musset, George Sand entre outros - mas não descarta a possibilidade de Azevedo participar da vida social estudantil da época. Grande adversário de Romero no campo da crítica literária⁸, José Verissimo (1963), sustenta de forma semelhante que *Noite na taverna* seria a expressão literária de um estilo de vida artificialmente criado por Azevedo, inspirado na vida e obra dos escritores do romantismo europeu - tais como José de Espronceda, Lord Byron, George Sand e Alfred de Musset.

O ensaio “Amor e Medo” do escritor modernista Mario de Andrade, publicado pela primeira vez na *Revista Nova*⁹ baseou-se na biografia do mesmo, sua obra e do paralelo\contraste com os versos de outros poetas do mesmo século¹⁰, para atribuir uma fobia ao sexo por parte do poeta paulistano. *Noite na Taverna*, nesse sentido, seria um espelho exemplar dessa fobia, assim como de seus sentimentos incestuosos

⁸ Ver Aguiar (2015).

⁹ Em razão da comemoração do centenário de Álvares de Azevedo no ano de 1933

¹⁰ Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varela etc...

para com a sua irmã e sua mãe, raízes de sua timidez e repulsa ao amor sexualizado. O amor e medo, ou o medo de amar, é um tema universal, mas ganharia contornos pessoais na vida e obra de Álvares de Azevedo (ANDRADE, 1972, p.229). O autor modernista, em “Amor e Medo”, reconhece no seu conterrâneo romântico a obsessão pelo sono no contexto da experiência amorosa: seja o sono “sem sonho, o sono que é ignorância da vida “(Ibidem, p.224); seja o sono cândido, quando Arnold pede para dormir no colo de Giorgia no desfecho de *Noite na Taverna* (ibidem); seja o sono lascivo, exemplificados na mesma novela pela violação da mulher adormecida (é o caso de Solfieri com Bárbara e Hermann com Eleonora (Ibidem, p.227)). Andrade (1972) vê em Solfieri e Hermann o garoto Álvares de Azevedo que, ao imitar seus ídolos Alfred de Musset e Lord Byron, deixa escapar sua personalíssima vergonha dos próprios sentimentos.

Seguindo essa linha biográfica, Jamil Almansur Haddad (1960 apud OLIVEIRA, 2010, p.31) relaciona o clima de orgia em *Noite na Taverna* com as farras promovidas pela sociedade *Epicureia*¹¹, da qual Azevedo fez parte. A participação de Álvares de Azevedo nas orgias da Sociedade *Epicureia* (e sua relação com *Noite Na Taverna*) é outro foco de debate para os estudiosos de sua obra. Para alguns, Azevedo foi um casto rapaz, porém de diabólica imaginação - expressa fartamente em seus livros. Para outros, o *byroniano* autor participava sim dessas orgias. A tese da quietude social do poeta é defendida por Mario de Andrade (1972) e Máira Angélica Pandolfi (2006); já a tese contrária ganha a defesa de Meneses, Morse e Santamarina (apud OLIVEIRA, 2010, p.32-33). Alfredo Bosi (1979, p.120) também menciona o envolvimento de Álvares de Azevedo com a sociedade Epicureia e seus desmandos, a vida boêmia bem como *byronismo* e satanismo, mas não faz relação direta desses fatos com *Noite na taverna*.

É fato que uma parte da obra azevediana tinha cunho de sátira e humorismo (o que seu colega Bernardo Guimarães fazia com mais constância, por sinal). Era comum também o clima de fuzarca entre os estudantes de direito de São Paulo no século XIX, tentando fugir do tédio de uma então cidade provinciana. Influenciados principalmente por Lord Byron, esses estudantes, da geração de Azevedo (e de

¹¹ Referente à filosofia do grego Epicuro de Samos (341 a.C - 271 ou 270 a.C).

algumas gerações posteriores) exercitavam o seu lado mórbido em visitas a cemitérios, onde passavam a noite e, segundo relatos, até violavam sepulturas.

Então, para alguns estudiosos da segunda geração romântica *Noite na taverna* valeria mais como um documento do estado emocional e psicológico desses jovens do que por suas qualidades estéticas (que seriam discutíveis). Se filiam a essa tese Vera Pacheco Jordão e Brito Broca (apud OLIVEIRA, 2010, p.37-40).

6 INFLUÊNCIAS ESTRANGEIRAS: O GÓTICO E O FANTÁSTICO

Como vimos na seção anterior, a discussão sobre o caráter autobiográfico de *Noite Na Taverna* entra em choque - para aqueles que acham que Álvares de Azevedo vivenciou o que se passa no romance - com a pecha de leitor voraz atribuída ao autor da obra, e com sua alegada timidez. A timidez do jovem Álvares de Azevedo não nos interessa, mas a centralidade que *Noite na Taverna* ocupa quando se discute a filiação estética do autor paulista, sim.

E qual é a filiação estética Álvares de Azevedo e, como essa filiação atravessa *Noite na Taverna*? Sílvio Romero (apud OLIVEIRA, 2010, p.,23) reconheceu Álvares de Azevedo como um dos primeiros escritores a buscar inspiração na literatura fora de Portugal. Na seção anterior foram citados alguns autores que teriam influenciado Azevedo segundo os estudiosos de sua obra (incluindo o próprio Sílvio Romero). Uma compilação desses autores pode nos fornecer uma pista: Lord Byron, Alfred de Musset, George Sand e José de Espronceda . Lord Byron é inglês, Musset e Sand franceses e Espronceda, espanhol. Os quatro autores são tradicionalmente ligados ao romantismo. Nenhum deles é brasileiro. No decorrer da história Alvares de Azevedo e *Noite na taverna* foram relacionados com outros autores e obras do velho continente, sendo que nenhum deles sequer é da ex-colônia Portugal. Brito Broca (1979, p.109-110) apontou um obscuro predecessor de *Noite na taverna: Noches Lúgubres*, de José Cadalso. Trata-se de um romance tumular¹² espanhol, de 1771. Segundo Broca (ibidem), Azevedo teria lido uma tradução feita por Francisco

¹² O gênero tumular ou *graveyard poetry* é comumente relacionado à poesia, sendo a prosa de *Noches Lúgubres* uma exceção. Esse estilo de poesia foi prolífico na Inglaterra dos anos 1740. Foi uma influência para os escritores de romance gótico e do romantismo (OLIVEIRA, 2010, p.115)

Bernardino Ribeiro de 1844. Em um dos textos publicados pela *Revista Nova* comemorando o centenário de Álvares de Azevedo, Mota (1931 apud OLIVEIRA, 2010, p.26-27) relega *Noite na Taverna* ao exotismo de influências pouco comuns na literatura Brasileira de até então (o romance gótico europeu, Lord Byron, o pintor Goya).

Ao analisar a tradução parcial que Álvares de Azevedo fez do poema *Rolla*, Maria Alice de Oliveira Faria (1973) aponta que o poeta paulista usou da poesia de Alfred de Musset¹³ mais para catalisar obsessões pessoais do que buscar uma fidelidade ao texto original (e tira as mesmas conclusões sobre outros escritos do poeta paulista, como seus ensaios críticos). Uma dessas obsessões é o do casal abraçado, no qual um dos amantes está morto (frequentemente a mulher). No pouco citado *Noite na Taverna* (Faria prefere se debruçar mais sobre *O Poema do Frade*, *Conde Lopo* e poemas de *Lira dos Vinte Anos*) o exemplo mais óbvio é o de Solfieri. A personagem Marion, do poema narrativo *Rolla*, encarna uma musa romântica, alva, acessível mas ao mesmo tempo quase virginal, características que fariam parte dos sonhos do tímido poeta paulista. Como a reciprocidade do amor nem sempre existe, não é difícil concluir que esse motivo romântico (da mulher morta) pode trazer em seu interior tanto o sublime (amor que transcende a morte) quanto o nefasto (necrofilia), elementos que encontramos com fartura em *Noite Na Taverna*.

Alfredo Bosi (1979), em sua “História Concisa da Literatura Brasileira”, cita *Noite na Taverna* como exemplo de uma “literatura que herdou de Blake¹⁴ e de Byron a fusão de libido e instinto de morte” (p.123), colocando Azevedo como um dos expoentes do romantismo em desenvolvimento de sua época. Maira Angélica Pandolfi (2006), no campo da literatura comparada, relaciona a obra de Álvares de Azevedo a do espanhol José de Espronceda. Pandolfi dá preferência às obras em prosa dos respectivos autores para suas análises, com a parte poética ficando em segundo plano (PANDOLFI, p.11). A autora vê semelhanças na acolhida das críticas locais aos dois escritores, assim como aponta que ambos beberam dos mitos de Fausto e *Don*

¹³ A autora também estudou a influência do escritor francês no romantismo brasileiro no artigo “Itinerário Mussetiano na Poesia de Castro Alves”, publicado no periódico Alfa: Revista de Linguística da UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

¹⁴ William Blake (1757- 1827), poeta e pintor inglês.

Juan (ibidem, p.11-15). Durante muito tempo as obras em prosa tanto de Espronceda quanto de Azevedo foram consideradas inferiores à poética, o que Pandolfi contesta em sua tese (junto com o rótulo de copiadore de Lord Byron atribuída aos dois) (ibidem, p.19-24). Jéfferson Donizetti de Oliveira (2010) vê similitudes entre *Noite na taverna* e *The Monk*, de Mathew Lewis, um clássico da literatura gótica. Assim como relaciona a obra de Azevedo com as peças de William Shakespeare *Macbeth* e *Hamlet*, que trazem em seu enredo elementos como fantasmas, demência, conflitos intensos e violência extrema. Também segundo Oliveira (2010, p.148) *Noite na taverna* se insere na tradição da novela-moldura e *Decameron*, de Giovanni Bocaccio é citado, junto com *As mil e uma noites* (o correlato oriental desse estilo). Oliveira (ibidem) segue a comparação de *Noite na Taverna* com a novela de Boccaccio, apontando o fato de ambas as obras começarem com personagens\narradores jovens e sofisticados intelectualmente dentro de um recinto fechado.

Tereza Cristina Mauro (2015) trata da influência não de um autor, obra ou movimento estético, mas do mito de *Don Juan* na obra de Álvares Azevedo e Castro Alves. Porém, dentro da seara romântica e da conexão desses autores com Don Juan a obra de Lord Byron não poderia deixar de ser analisada! Paradoxalmente, o *Don Juan*¹⁵ de Byron é tido por Mauro (2015, p.80-81) e parcialmente pelo próprio Azevedo¹⁶ como uma obra "não byroniana", ou seja, marcada por um viés de sátira e ironia e não de tragédia, perdição e satanismo (como em *Childe Harold's Pilgrimage*). O Don Juan apropriado por Álvares de Azevedo era então mais *byroniano* que o *Don Juan* de Byron! Era mais do que isso, inspirado no próprio Lord Byron e seus feitos amorosos.

O personagem Don Juan é citado várias vezes por Álvares de Azevedo em poesias, ensaios assim como em *Macário* e *Noite Na Taverna*. Para Azevedo Don Juan sofria, não era um homem destituído de sentimentos. Don Juan sofria por não se realizar plenamente com uma mulher mesmo relacionando-se com tantas delas, e é justamente essa a identificação de Álvares de Azevedo com Don Juan (ibidem, p.81)

¹⁵ Poema épico inacabado escrito por Lord Byron.

¹⁶ Álvares de Azevedo reconhecia uma divisão entre as obras de Byron, mas não reconhecia o viés de sátira do *Don Juan* do bardo inglês como absoluto. Para Azevedo a comicidade de Don Juan encobria sentimentos pungentes em relação ao amor.

O homem fatal é um tipo que se repete na taverna de Álvares de Azevedo. Mauro (2015, p.83-86) primeiro trata do personagem Claudius Hermann como um protótipo dos conflitos vividos pelo *Don Juan* em sua encarnação romântica, vivendo a tensão entre o sublime e a perdição (via puro hedonismo). Hermann, ao falar pela primeira vez com Eleonora, diz que o seu amor por ela o salvou de uma vida de desengano espiritual. Isso, claro, antes de Eleonora morrer. Hermann então junta-se aos descrentes (em maior ou menor grau) da taverna de Azevedo. O episódio Johann é relacionado com a ideia do duplo, pois esse personagem ao matar Arthur em um duelo, se apossa de seus pertences, finge ser a vítima para fazer sexo com sua namorada Geórgia (TRINDADE, 2002, p.79 apud MAURO, 2015, p.97). O ardil de Johann, utilizando-se da escuridão para confundir Geórgia é relacionado ao ardil que Don Juan utilizou para uma de suas conquistas em *El Burlador de Sevilla*, de Tirso de Molina; obra essa que foi a primeira a tratar do personagem (MAURO, p.97-98).

Todas essas comparações e relações refletem também uma crítica intermitente feita à *Noite na Taverna* (como veremos a seguir): a sua falta de cor local ou regional, o seu sotaque estrangeiro, por assim dizer. Não por acaso Álvares de Azevedo é relacionado constantemente à segunda geração romântica, também chamada de *byroniana*. Além de Azevedo, autores como Casimiro de Abreu e Bernardo de Oliveira buscavam imitar o estilo de vida (e literário) do bardo inglês assim como as ideias do romantismo europeu de E.T.A Hoffmann, Alfred de Musset, George Sand entre outros.

O escritor de ficção científica e pesquisador de literatura fantástica José Roberto Causo (2003, p.107-108) argumenta que a falta de elementos nacionais no romance de Azevedo torna a ambiência do romance vaga e estereotipada. A falta de entusiasmo de Azevedo com a vida social paulistana é citada por Causo como uma possível causa desse transplante da cultura do velho continente para uma obra de um autor brasileiro (Ibidem, p.108-109). Como a Europa de *Noite na taverna* é vagamente descrita e os acontecimentos da trama inverossímeis, falta ao que de pouco potencialmente 'fantástico' possui o romance o real para servir de contraposição e contraste. Aqui Causo (Ibidem, p.107) se apoia na apologia ao realismo na narrativa de horror feita por H.P.Lovecraft, ao elogiar *Melmoth*, de Charles Robert Maturin.

Causo (2003, p.103-107) relaciona *Noite na taverna* com o horror a partir das teorias de Tzvetan Todorov e H.P.Lovecraft - para quem, a grosso modo, o horror está no medo provocado no leitor¹⁷, mas conclui que essa ponte da obra com o gênero é mais apropriada a partir do conceito de sublime de Kant. Sobre o sublime diz ele:

A fusão do elevado e do baixo – a imagem da “virgem prostituta”, por exemplo -, a atmosfera onírica e a incapacidade de totalizar a experiência - tudo isso criando, pela ausência de significados apreensíveis mas parte essencial dos fatos narrados, a sensação de um *algo além*, de um ponto de transcendência esboçado com o eclipse da razão. No caso de *Noite na Taverna* a resultância do conceito do sublime aplicado à narrativa é qualquer coisa escura e determinista. (CAUSO, 2003, p.106)

Noite na taverna encerraria esse sublime - ainda que Causo não faça disso um ponto pacífico - especialmente no episódio Bertram, onde há adultério e canibalismo. Esses tabus sociais quebrados seriam potencialmente perturbadores e além deles, *Noite na taverna* traria elementos familiares ao romance de terror, mas ainda embrionários. De fato, Roberto de Souza Causo(2003) mal esboça uma defesa do romance *Noite Na taverna* tanto como novela gótica ou por suas qualidades estéticas. A novela de Azevedo estaria mais próxima de tentativas do romantismo de flertar com elementos de horror (Ibidem, p.106).

Há quem discorde: Afrânio Peixoto (1931 apud OLIVEIRA, 2010, p.26-27) - médico, romancista e crítico literário - ressalta, de maneira pioneira (OLIVEIRA, 2010, p.27), que *Noite na taverna* foi a primeira obra de ficção gótica no Brasil, com calorosos elogios ao autor.

Jefferson Donizeti de Oliveira (2010, p.93-110) fez uma extensa dissertação inspirado por essa filiação de *Noite na taverna* ao gótico literário feita por Peixoto. No entanto, Oliveira mudou o recorte temático ocupando-se da fortuna crítica e literária de *Noite na taverna* (Ibidem, p.9). Alguns exemplos da fortuna literária compilada por Azevedo: “Folhas na minha carteira”, de José Bonifácio (colega de estudos e residência de Álvares de Azevedo) , *Gennesco: vida acadêmica*, de Teodomiro Pereira, *Dalmo ou mistérios da noite*, de Luís Ramos Figueiredo, *Um esqueleto*, de Machado de Assis, *Ruínas da Glória*, de Fagundes Varela e também algumas obras de Castro Alves como *Don Juan ou a prole dos saturnos* (um drama inacabado) e *O Anjo da Meia Noite* (poema). Segundo Oliveira, essas obras acima citadas presumivelmente foram

¹⁷Esse medo deriva da ameaça que as forças desconhecidas do além impõem aos personagens e ao leitor, que com eles se identifica.

feitas por leitores de *Noite na taverna*, que transformaram sua admiração pela obra em novos contos macabros. O clima sombrio e o interesse pelo satanismo (especialmente dentro do ambiente estudantil da época) são os signos dessa influência (Ibidem, p.10).

Sob a luz de *Introdução ao Conto Fantástico*, de Tzvetan Todorov, Maria Imaculada Cavalcante (2007) sustenta a ideia de que *Noite na taverna* faz parte do gênero fantástico¹⁸. No início Cavalcante faz um resumo da novela, destacando o materialismo e a misoginia dos protagonistas (embora não chegue a usar o segundo termo). Tendo como guia espiritual o Epicurismo, os personagens de *Noite Na taverna* buscam o prazer a qualquer custo, no entanto, nunca estão satisfeitos. O fumo e o vinho são signos de superioridade intelectual e espiritual dos personagens e as mulheres são seus objetos de desejo.

A principal inspiração de Cavalcante ao analisar *Noite na taverna* é o teórico da literatura Tzvetan Todorov e seu estudo sobre a literatura fantástica. Segundo Todorov (2010), a literatura fantástica tem como pressuposto a hesitação (seja de um personagem, de um narrador, narrador-personagem e do leitor) entre uma explicação verossímil e outra de cunho sobrenatural. Para Cavalcante (2007) essa hesitação ocorre em alguns momentos de *Noite na taverna*, como no conto *Solfieri* e também devido aos excessos que os personagens cometem contra a moral vigente (o que também é uma característica do gênero fantástico observada por Todorov). Volobuef (2005, p.130) chega a uma conclusão parecida, concedendo que se *Noite na taverna* pode ser considerado literatura fantástica, é devido aos acontecimentos hiperbolicamente violentos e chocantes.

¹⁸ O fantástico como estilo literário guarda no mínimo uma relação de contiguidade com o gótico, quando não é utilizado como sinônimo.

7 NOITE NA TAVERNA E A QUESTÃO DA EMANCIPAÇÃO

Noite na taverna foi uma obra capaz de modificar a visão de mundo do seu público leitor, colocando em perspectiva crítica os valores sociais vigentes? Em caso afirmativo, essa potência emancipatória se renovou e se desdobrou na história de sua recepção? O caráter ideológico da novela de Álvares de Azevedo foi resgatado pelas gerações mais recentes de críticos e pesquisadores, como veremos a seguir:

Cândido (1989) sustenta que *Noite na taverna* e *Macário* possuem entre si uma unidade. Esta unidade é em parte sugerida explicitamente, como na última cena de *Macário*, onde o personagem-título e Satã observam com binóculos uma taverna, com cinco homens sentados fumando e bebendo, e mulheres e homens deitados dormindo. Há sobretudo uma unidade moral, sugerida pelo título do artigo. Os protagonistas de *Noite na taverna* seriam exemplos que Satã mostra a Macário, uma espécie de educação às avessas. A morte do ingênuo e puro Penseroso na peça seria uma brecha para, a partir da parte final do drama, Satã propor a Macário a busca do conhecimento pela contravenção das normas morais da sociedade. Cândido (1989) vê então *Noite na taverna* como uma continuação estrutural de *Macário*, sem entrar no mérito das intenções do autor, inacessíveis segundo ele.

A partir dos anos 2000, pesquisadores como Cilaine Alves Cunha (2004) e Karin Volobuef (2005) apontaram para o teor político de *Noite na taverna*, já que esta novela apresenta a subversão dos valores e costumes de sua época.

Em Álvares de Azevedo (à semelhança do que se vê em Byron e Hoffmann) a recuperação dos elementos góticos está ligada à revolta contra a moral burguesa e a rigidez de costumes, que, em última análise, se revela hipócrita, já que procura encobrir o que de sórdido e bárbaro pulula sob a superfície austera[...] (VOLOBUEF, 2005,p.132)

No entanto Volobuef (2005) vê *Noite na taverna* com seu subjetivismo exacerbado como uma negação do coletivo e da sociedade, e aponta o conservadorismo da obra em relação ao papel da mulher na sociedade.

A negação da sociedade ocorre porque os protagonistas têm uma relação totalmente desarmoniosa com as demais personagens em suas narrativas específicas. Nenhum dos cinco protagonistas contradizem esta conduta: todos deixam um rastro de morte e caos por onde passam e não se importam com os outros (ao menos no momento em que praticaram os seus atos). A ambientação claustrofóbica do romance reforça

o solipsismo dos personagens, e revela um ambiente de opressão, onde o individualismo exacerbado falha em alcançar o mínimo de felicidade pessoal (Ibidem, p.135-136)

O conservadorismo em relação à mulher ocorre pela redução das personagens femininas ao binário virgem\prostituta, sendo os dois tipos subjugados no decorrer da trama (VOLOBUEF, p.140-142). Um bom exemplo é a trama envolvendo o personagem Gennaro, um artista que tem um relacionamento com Nauza - esposa de seu mestre Godofredo Walsh - e Laura, filha do mestre. Gennaro engravida Laura, que deseja se casar com ele. No entanto, Gennaro a rejeita, pois ama Nauza (no que é correspondido). Após Laura adoecer e morrer, Gennaro e Nauza fazem amor todas as noites, uma vez que Walsh passa a dormir no quarto da filha morta. No fim, Nauza adúltera é assassinada por Walsh. Laura não traiu ninguém, foi vítima de um amor não correspondido, mas sofreu uma segunda vez com o seu padecimento e morte. Nauza atraiu amorosamente Gennaro entre outras coisas pela sua alegada pureza, candura. A virgem cândida que cai em desgraça (culminando com sua morte) após ter uma relação sexual se repete nos demais episódios narrados na taverna. Isto ocorre mesmo quando a relação não é consentida: a personagem sem nome do episódio Solfieri, que é violentada quando em estado de catalepsia, e falece dois dias depois; Eleonora, que sofre um ardil de Claudius Hermann e fica inconsciente e, após se descobrir 'desonrada' assume a relação com o seu algoz, mesmo amando outro homem, para depois morrer abraçada com este ao final; por fim há Giorgia, que é enganada por Johann, cometendo o incesto sem o saber. Ao descobrir, vira prostituta e, no final da novela, sai da passividade reinante e se vinga de seu irmão. No entanto, inflige um castigo final a si mesma, suicidando-se. Quem rompe com a passividade de forma total é Ângela, que mata seu filho e marido para ficar com Bertram e após deixar um rastro de trapaças com seu amante, o abandona. Volobuef (2005, p.141-142) inclusive cita o momento em que Bertram elogia as habilidades de Ângela em determinadas atividades (beber, fumar, atirar, montar no cavalo) comparando-a com um homem, o que implicitamente liga a personalidade ativa como estranha ao feminino. A autora também faz uma compilação de termos usados na obra, como "macilento", "profanação" e "amante venal" relacionando a atividade sexual com a deterioração moral e o repulsivo (Ibidem, p.142).

Cilaine Alves Cunha analisou, no artigo “A Fundação da Literatura Brasileira por Álvares de Azevedo” (2004,), a relação do autor com a filosofia e a estética da primeira geração romântica. Para Cunha (2004, p.122) - cuja linha de pesquisa é voltada para a literatura brasileira - todos os protagonistas de *Noite na taverna* encorpam, de maneiras distintas, a recusa de Álvares de Azevedo de veicular uma visão de mundo edificante, como era defendido pelos poetas indianistas (Gonçalves Magalhães à frente). Como alguém que se iniciou na carreira de escritor pelo menos duas décadas depois da independência do Brasil em relação a Portugal, Azevedo daria vazão ao descontentamento com as promessas de progresso e desenvolvimento (científico e social) não cumpridas (CUNHA, 2004, p.121-122). Enquanto os escritores ligados ao indianismo retomavam o passado idílico da nação brasileira em um presente valorizado pelo contato com a civilização europeia, o presente do romantismo sombrio de Azevedo seria marcado pela subjetividade, egocentrismo, tendo na elegia e no terror gótico suas formas de expressão¹⁹. O ideal nacionalista e edificante deu lugar ao individualismo que encerrava não apenas a uma impotência de pensar a sociedade de maneira positiva, mas também uma recusa desse olhar para fora de si mesmo. Cunha (2004, p.117) equiva os projetos (estéticos e de nação) do indianismo e de Álvares de Azevedo a respectivamente Penseroso e Satã, personagens do drama *Macário*. Com a morte de Penseroso (que implicitamente advoga uma estética indianista), o personagem - título fica mais vulnerável à influência de Satã, como sugere o final da peça, em que Satã e Macário avistam uma taverna onde cinco jovens acompanhados de mulheres parecem fazer uma orgia (CUNHA, 2004, p.123). Cunha aqui retoma a ligação entre *Macário* e *Noite na taverna*²⁰ feita por Antônio Candido (1989) e Mário de Andrade (1972).

Dois anos depois, no artigo “*Tristezas de uma Geração que Termina*”, Cunha (2006) compara *Noite na taverna* com o conto *O espelho*, de Machado de Assis. Segundo Cunha (2006, p.50) o nome do protagonista de *O espelho*, Jacobina, é uma menção a Álvares de Azevedo - entre outras coisas, autor de textos inflamados contra a

¹⁹ Cunha (2004) cita o fato de Álvares de Azevedo ser influenciado por Lord Byron e Alfred de Musset como uma das oposições do escritor paulista ao indianismo.

²⁰ Cunha (2004, 2006) inclusive identifica o drama como um dos gêneros na miscelânea de estilos de *Noite Na Taverna*.

instituição monárquica no Brasil. Mais do que isso, Jacobina inicia o conto retratado com um autêntico romântico, crente na transcendência da alma sendo contradito pelos acontecimentos que se seguem - moldando sua personalidade de acordo com as coerções do meio externo. É realizada na comparação do conto com a novela uma tensão entre as visões romântica e realista do mundo, ficando o romantismo em desvantagem por preconizar que a alma (e as questões que a envolvem) está separada da experiência social²¹.

Oliveira (2010, p.163-164) aponta que as transgressões morais dos personagens de *Noite na taverna* (e suas imitações) são realmente fortes, principalmente sob o prisma da sociedade brasileira daquela época; mas que ao final acabam se reconciliando com esses valores, dado os desfechos das tramas que contém vingança e o perdão (referindo-se a trama de Giorgia-ArthurArnold-Johann). Outros elementos de *Noite na Taverna* são destrinchados por Oliveira (2010, p.164-165) tais como a futilidade, amoralidade e misoginia dos protagonistas assim como a representação da mulher como objeto de desejo a ser conquistado (a personagem Ângela, no caso, encarna uma exceção).

Mauro (2015), ao incorrer sobre o mito de Don Juan na obra de Castro Alves, confronta as obras dos dois escritores. Partindo em grande parte das ideias de Cândido (1989) e Haddad (1960 apud OLIVEIRA, 2010) sobre a obra de Álvares de Azevedo, a autora trata de desconstruir algumas oposições feitas entre ele e Castro Alves. Oposições como a que Azevedo seria um poeta ensimesmado, alienado da política e da realidade externa; contrastando com a politização exuberante de Castro Alves. O poeta paulista tinha pretensões políticas liberais e democratas sim, como demonstram alguns discursos seus (MAURO, 2015, p.143). Sua politização de cunho liberal, no entanto, em sua obra poética e prosaica, era canalizada pelo desalento com a sociedade brasileira e as modestas possibilidades de emancipação coletiva e individual que tal sociedade encerrava. O papel da mulher no jogo da sedução é uma das diferenças entre os dois poetas, sendo Castro Alves mais aberto à participação ativa da mulher. Já em *Noite na taverna* vemos personagens femininas que tem sua

²¹ Segundo Cunha (2006), apesar de *Noite na taverna* ser uma narrativa-moldura, onde diversos personagens contam sua própria história, todos esses personagens encarnam a visão alienada e fatalista de um mesmo sujeito.

vontade e desejo totalmente anuladas, como a Condessa Eleonora (MAURO,2015, p.150-152). Castro Alves teve a fase final de sua trajetória poética inspirada por Álvares de Azevedo e escreveu um drama inacabado: *Don Juan ou a prole dos saturnos*. Mauro (2015, p.146-153) encontra similaridades nesse drama com o episódio de Claudius Hermann, incluindo trechos de diálogos idênticos.

8 PEQUENA SÍNTESE RETROSPECTIVA

Pode-se observar que essa retrospectiva da fortuna crítica de *Noite na taverna* faz um movimento que se inicia no autor do livro (a chave biografista) e depois se desloca para os outros escritores, obras e mitos com a finalidade de identificar relações de semelhança com a obra de Azevedo; ao final se reporta a fatores extrínsecos à literatura pelo viés do espelhamento, reflexão e confronto com os valores sociais e visões de mundo que nos circundam até os dias de hoje.

A chave biografista visou elucidar se *Noite na taverna* era um reflexo da vida do homem Álvares de Azevedo. Frequentemente a resposta foi negativa ou relegava a questão do reflexo biográfico aos colegas de faculdade de Álvares de Azevedo, enquanto ele extraía de seus heróis literários (Lord Byron, Alfred de Musset, E.T.A Hoffmann) os elementos narrativos de seus contos soturnos. Assim pensaram Mário de Andrade e, de maneira menos assertiva, Silvio Romero e José Verissimo. A comparação com autores e estilos vindos da Europa foi o ponto de partida de diversas análises da obra de Álvares de Azevedo. A ligação de *Noite na taverna* com o romance gótico é, de certo modo, polêmica (perdurando tal polêmica até a contemporaneidade), ao passo que a inserção de praticamente toda a obra de Álvares de Azevedo na segunda geração romântica não têm sido exatamente uma semente de discórdias.

Por fim, houve aqueles que investigaram o sentido ideológico da novela de Álvares de Azevedo. A negatividade de *Noite na taverna* em relação à sociedade brasileira das primeiras décadas de independência foi tematizada por leituras que buscaram identificar uma visão de mundo no romance. Nesse sentido o drama *Macário*, do mesmo autor, serviu de auxílio para Antônio Cândido e Cilaine Alves Cunha exporem as suas hipóteses. O personagem Satã, de *Macário*, foi para Cândido o educador às

avessas do personagem-título e para Cunha quem vocalizou a nova literatura que Álvares de Azevedo intentara trazer ao Brasil. Tal literatura serviu de modelo a ser superado por Machado de Assis em outro artigo de Cunha: “*Tristezas de Uma Geração que Termina*”. Já Jéfferson Donizetti de Oliveira, Karin Volobuef e Tereza Cristina Mauro apontaram de diferentes maneiras para *Noite na taverna* como reafirmação da tradição: a questão da submissão feminina.

Antes de partir para a análise das críticas publicadas na Internet, vamos fazer um pequeno apanhado da situação do leitor contemporâneo no Ocidente, especialmente o Brasil.

9 O LEITOR CONTEMPORÂNEO

A Internet é uma rede mundial de computadores conectados de forma descentralizada por um conjunto de protocolos denominado TCP\IP, que foi desenvolvido pelo departamento de defesa dos Estados Unidos da América em 1969, sendo então denominada de *Aparnet*. Não se deve confundir com a *World Wide Web*, desenvolvida em 1989, que utiliza o protocolo HTTP²² (CONCEITO..., 2011). No entanto, foi a *World Wide Web* que permitiu a utilização do serviço de Internet por residências de civis, sua comercialização e expansão no mundo todo (SIGNIFICADO..., 2017). Sendo assim, Internet e *World Wide Web* - ou simplesmente *Web* - serão utilizadas nesse trabalho como sinônimos, pois o uso popular assim consagrou.

Essa expansão vertiginosa da Internet modificou a relação do público-leitor com a literatura, assim como o próprio ato da leitura. Ao falar desse tema Carlos Reis (2007) contrapõe o sentido pretérito de leitura com o atual. O verbo latino *legere*, retirado da etimologia da palavra 'leitura', é utilizado por Reis como guia para o sentido passado da leitura, que é "recolher, apanhar, escolher, captar com os olhos e ainda ler em voz alta[...]" (2007, p.74). Mais do que isso, a leitura estava ligada a uma cultura humanista, universalista e de valorização do cânone literário, dos grandes clássicos e autores (Ibidem, p.71-74). A leitura na acepção contemporânea é multidimensional, podendo significar por exemplo a leitura de uma situação política, das tão propaladas imagens assim como a leitura literária, que Reis define "[...]como acto de interpretação tendencialmente plural de uma certa classe de textos[...]" (Ibidem, p.74). Preocupa ao pesquisador português a simplificação da leitura literária operada pelas demais leituras²³, especialmente as de cunho tecnológico e não verbal. Carlos Reis (Ibidem, p.72) aponta como um dos fatores dessa transformação da leitura "[...]a emergência de um paradigma cultural de formulação eminentemente imagocêntrica [...]" que ocuparia o lugar de uma razão logocêntrica tradicionalmente vigente no Ocidente. A abundância na oferta de imagens pelos meios de comunicação de massa (Televisão, Videogame, Cinema, Internet, HQ'S), no entanto, não é o único fator da mudança,

²² *Hyper Text Transfer Protocol*.

²³ Ou em outras palavras, a dificuldade crescente em fruir o que seria mais complexo e exigente em termos de concentração e memória.

sendo ela acompanhada pelo que o autor português chama de crise nas humanidades e sua consequência no campo educacional europeu - fatores sobre o qual não nos debruçaremos aqui. Teria a geração nova de leitores dificuldades maiores ao acessar o cânone literário? Reis demonstra forte simpatia por esse ponto de vista, inclusive porque a própria ideia de cânone literário está em crise, em consequência das mudanças ocorridas no campo das humanidades nos últimos séculos (Ibidem, p.71-73). Nelly Novaes Coelho concorda que exista uma “predominância da Imagem sobre as Palavra” (COELHO, 2008, p.77), mas salienta que uma redescoberta do poder da palavra está em curso, entrando em confronto com a revolucionária nova cultura cibernética. Não se sabe aonde essa era cibernética nos levará culturalmente e socialmente falando, mas para a autora é necessário que o meio educacional saiba cooptar esse instrumental digital para a sala de aula – e aqui ela se refere especificamente ao professor de línguas e literatura. Preocupa Coelho (2008) o uso alienado dessas novas tecnologias e cabe ao poder da palavra e da literatura impedir a deterioração da língua falada e escrita - esse instrumento que dá sentido não só as imagens, mas a experiência humana na vida (Ibidem, 2008, p.78).

Tanto Reis (2007) quanto Coelho (2008) concordam que esta proliferação das imagens nos meios de comunicação vem modificando as esferas cognitiva e perceptiva, especialmente da parcela jovem da população. Reis (2007, p.78-79), ancorado na pesquisa da *Kaiser Family Foundation* sobre a sociedade estado-unidense conclui que, até por falta de tempo²⁴, os jovens encontram mais dificuldades ao lidar com o texto articulado por palavras. Já Coelho (2008, p.79) identifica as aquisições de maior agilidade e rapidez no processo cognitivo e no perceptivo, mas se esquia de valorar positiva ou negativamente essa mudança.

²⁴ A dispersão intelectual também é uma alegada consequência junto com o comportamento violento incentivado pelos *Videogames*, noção esta que Reis assume ser controversa no entanto (REIS, 2007, p.79).

9.1 O CASO BRASILEIRO

No Brasil, com suas conhecidas desigualdades sociais, ainda não se pode falar em universalização do uso da Internet. Apenas 50% dos lares brasileiros tem acesso à Internet (BOCHINNI,2016 apud MAGNONI & PATRÍCIO, 2018, p.11). No entanto, essa deficiência logística, digamos assim, é compensada pelo uso de dispositivos móveis como *Smartphones* (telefones celulares em geral), do local de trabalho e até da casa do namorado(a) para acessar a Internet (MAGNONI & PATRÍCIO,2018, p.11). O uso de telefones celulares para acessar a rede é mais que o dobro que o de computadores de mesa e *Notebooks* (BOCHINNI,2016 apud MAGNONI & PATRÍCIO, 2018, p.11). Magnoni e Patrício (2018, p.7-8) realizaram um questionário com 80 leitores demonstrando que a leitura dos mais diversos formatos editoriais pela *Internet* já ultrapassou em muito a leitura pelos meios impressos. Segundo a mesma pesquisa a *Web* é a opção de 96,4% dos leitores para a busca de informações e apenas 2,5% dos entrevistados jamais fizeram algum tipo de leitura *on-line*. Com relação à literatura existem pelo menos dois dados de interesse:72,5% dos respondentes já leram um livro *online* e 31,3% já leram *Creepy Pastas*, que são definidos como:

histórias de fantasmas/espíritos/alienígenas, animais selvagens, rituais macabros, desaparecimento de pessoas, suicídio, fatos que a História não conta, entre outros. São construídas por meio de cópia e colagem de narrativas distribuídas pela Internet, com o objetivo de causar medo em seus leitores. (MAIA, 2015 apud MAGNONI & PATRÍCIO,2018, p.13)

Uma pesquisa de 2012 encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência, mais abrangente em termos de universo²⁵, aponta que 50% dos brasileiros com 5 anos ou mais leu pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa - critério para ser considerado um leitor pela pesquisa. Desse universo de leitores 80% tem o hábito ler textos *on-line*, sendo que 38% o fazem de forma diária (G1, 2012).

Como se vê, não faltam leitores nesse novo espaço virtual e as novas possibilidades tanto para a produção quanto recepção dos textos literários saltam aos olhos. Nesse cenário, baseando-nos na lógica da pergunta e resposta dos estudos da recepção literária preconizada por Hans Robert Jauss, com qual horizonte de expectativas uma obra como *Noite na taverna*, escrita por Álvares de Azevedo, se depara? Como a

²⁵ Entrevistou 5.012 pessoas de 315 municípios brasileiros (G1, 2012).

distância cronológica dos leitores atuais dessa obra com o horizonte de expectativas originário da mesma²⁶ afeta a sua recepção? Há um transplante de noções e preceitos atuais para uma obra do século XIX na recepção contemporânea?

Para tanto, coletaremos um *corpus* de 10 textos críticos, retirados de blogs e sites dedicados à literatura. Se na fortuna crítica abordamos a recepção literária de escritores, críticos, intelectuais em geral e acadêmicos (todos com vez e voz nos veículos de publicação tradicionais impressos como livros, jornais e periódicos), agora será a vez de analisarmos os textos daqueles que estão à margem desses meios de comunicação anteriormente citados e publicam suas críticas na Internet, um meio de comunicação de caráter mais horizontal e anárquico.

²⁶ Noite na taverna foi lançado em 1855.

10 NOITE NA TAVERNA E SEUS LEITORES

No *site Skoob*²⁷, uma auto denominada “[...] rede social do Brasil criada especialmente para quem ama ler.”²⁸ (SKOOB, 2020), a busca com as palavras do título da obra de Álvares de Azevedo, tema deste trabalho, registram quatro links, sendo três exclusivamente sobre *Noite na taverna* e outro que agrega esta obra com *Macário*. Cada link possui uma edição diferente da novela de Álvares de Azevedo²⁹. Até o dia 26\09\2020, *Noite na taverna* contava com 19.826 perfis registrados na seção “leram” (Idem,2020)³⁰ e, entre outros dados, 168 críticas³¹. Dessas críticas, a que aparece em primeiro lugar nos filtros “Mais Gostaram” (Idem, 2020) e “Mais Comentadas” (Idem, 2020) é o mesmo texto, assinado por Aline Stechitti, datado de 12 de Julho de 2013. Reproduzo o texto abaixo:

Bêbados reunidos contando suas histórias... Hmm...[...]

Antes de ler esse livro, eu quis pesquisar sobre ele (coisa que geralmente eu sempre faço) e descobri algumas coisinhas que me fizeram acreditar que essa iria ser uma leitura difícil de ser feita, mas nem liguei isso ao fato de ter uma linguagem bem poética e por vezes, complicada, mas mais por seu conteúdo pesado, que incluía, entre outras coisas, incesto, necrofilia e assassinato.

Bem... A verdade, a verdade meeesmo... (rs) [sic]Foi que eu achei o livro lindo! É achei lindo, mesmo ele sendo bizarro.

A delicadeza das palavras, as citações e a forma poética como é contada é muito bonita[sic]. Também não achei uma história assim tão pesada. Talvez eu já esteja acostumada a ler histórias e assistir filmes desse tipo e não tenha visto nada "Oh! Isso é o fim!". Não, não achei.

A descrição doce de uma atrocidade é algo de louco! Fica, apesar de inquietante, uma obra de arte por causa da delicadeza e do talento do escritor. *Noite na taverna* me lembrou Bocage falando de um bosque acomodado a ternos crimes. Fala sério, esses poetas são demais!

No livro não dá p[sic] saber se as histórias são reais ou imaginárias já que os seus locutores estão caindo de bêbados, mas p[sic] mim, isso tornou o livro ainda muito [sic] melhor.

²⁷ <https://www.skoob.com.br/>

²⁸ O *Skoob* é uma rede de leitores criada por fundada pelo analista de sistemas Lindenberg Moreira (GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, 2009). Redes de leitores correspondem às conhecidas redes sociais, como Facebook e Instagram, onde qualquer usuário pode se conectar e adicionar amigos\seguidores postando fotos, vídeos, opiniões pessoais etc... No entanto, essas redes sociais se diferenciam das demais por serem dedicadas aos hábitos de leituras de seus usuários, que podem postar resenhas e avaliações de livros que leram, entre outras atividades. Outras redes de leitores são o *Goodreads* e *O Livreiro*, por exemplo (ÉPOCA, 2009).

²⁹ Respectivamente pela ordem de aparecimento: Garnier, L&PM POCKET, Avenida Gráfica e Globo.

³⁰ <https://www.skoob.com.br/livro/leitores/leram/1640/edicao:2207>

³¹ O que não indica o número exato de textos, pois alguns desses se repetem durante a busca.

Eu acredito que na época em que foram publicadas, essas histórias devem ter feito um reboiço louco, mas hoje em dia poucas pessoas vão se assustar, ainda mais se já souberem do que se trata a leitura. Claro, que nem todo mundo é fã do "MACAAABRO"[sic], mas hehe [sic], é uma leitura muito legal gente, apesar de exigir atenção às palavras, pois algumas são difíceis.

Enfim, eu recomendo a todos que gostam de histórias bizarras, inquietantes, rápidas, poéticas e sombrias. É um livro pequeno, tem menos de 100 páginas e com certeza é uma das obras mais interessantes da nossa literatura. (SKOOB, 2013)

Nesse texto alternam-se duas categorias de análise: a face transgressora das narrativas e a sublimação das negatividades moral e estética dessas narrativas pela veia poética de Álvares de Azevedo. "Pesado(a)", "bizarro", "macabro", "inquietante" e "sombrias" são alguns termos que marcam esse caráter transgressor, perturbador das histórias. O vocabulário rebuscado, certamente anacrônico para 2013, é uma questão que tem menor relevo no texto já que no primeiro parágrafo, Aline Stechitti declara não ter antevisto tal característica como um empecilho na fruição da obra. Termos como "doce", "poética", "obra de arte" e "talento" marcam, por outro lado, a sublimação estética realizada por Álvares de Azevedo.

Há um esforço, por parte de Aline, de entender o horizonte de expectativas no qual *Noite na taverna* apareceu, especialmente no penúltimo parágrafo onde a autora, com outras palavras, especula sobre a polêmica que o conteúdo das histórias teria provocado na época de seu lançamento. Logo adiante, a leitora diz não ter se impressionado com a negatividade dessas histórias, citando suas experiências com a literatura e o cinema – arte iniciada 40 anos depois da novela de Álvares de Azevedo.

10.1 TRANSGRESSÃO, SUBLIMAÇÃO E URGÊNCIA DA QUESTÃO FEMINISTA

No mesmo site há um texto publicado 6 anos depois por Lavínia Teodoro que guarda bastante semelhança como texto de Aline Stechitti. Segue o mesmo abaixo:

Macabro e fascinante

Procurei este livro por semanas. Vi a resenha no canal Ler antes de morrer, da Isabela Lubrano. E queria por tudo ler. Procurei em sebos, livrarias e bibliotecas da cidade. Até que o encontrei na biblioteca da escola.

Finíssimo, 48 páginas. Cai de cabeça, li em um único dia. Estava curiosa demais.

O choque veio no capítulo 2. Macabro, com necrofilia, incesto, assassinato, estupro... tudo que hoje terrivelmente vemos sempre nos noticiários, mas que na época do livro provavelmente foi [sic] um rebuliço.

Momentos em que queria vomitar, de nojo. Homens caindo de bêbados contando histórias que causam repulsa.

MAS EU NUNCA VI UM LIVRO TÃO BONITO.

Senti uma irônia[sic] imensa dentro de mim, porque com histórias terríveis, o autor conseguiu ser poético, contar as histórias de uma forma doce. Bate uma confusão, como algo tão macabro é transmitido de forma tão doce.

Terminei de ler o livro chocada, sem palavras para tamanhas atrocidades DOCES.

Queria qhe[sic] todos ao meu redor me ouvissem falar sobre o livro.

A história é que[sic] um grupo de homens totalmente bebêdos[sic], estão numa Taverna, contando histórias macabras que aparentemente, eles provam ser reais.

Macabro e fascinante, é tudo que tenho sobre esse livro (SKOOB, 2019)

Assim como Aline Stechitti, Lavínia Teodoro empreendeu uma pesquisa sobre a obra antes da leitura. A fonte foi especificada - o canal do Youtube "Ler Antes de Morrer"³² de Isabella Lubrano - que tem como declarado objetivo resenhar mais de 1001 livros³³. O canal está há 6 anos publicando vídeos com bastante frequência, com cada vídeo um falando de um livro específico. Voltando ao texto de Lavínia, ele também trata das categorias da transgressão e sublimação poética. A palavra "doce", para descrever o texto de Álvares de Azevedo aparece de novo aqui, sendo repetida duas vezes. A ideia de que *Noite na taverna* causou uma certa agitação social em sua época também reaparece³⁴, mas dessa vez são os meios de comunicação jornalísticos os apontados por tornar a violência da obra menos perturbadora - em parte atenuando o seu efeito transgressor. Por último, há também a questão da dúvida quanto à "veracidade" das histórias contadas por homens embriagados, sugerindo uma leitura que busca na literatura, o efeito ilusionista do real³⁵. Nesse caso, a "ilusão extratextual" (JAUSS et al., 1979, p.148) é nublada pelo fato de estarem os convivas bêbados.

³² <https://www.youtube.com/c/LerAntesdeMorrer/videos>

³³ <https://www.youtube.com/c/LerAntesdeMorrer/about>

³⁴ Inclusive utilizando o mesmo termo: 'rebuliço'.

³⁵ Essa mesma ideia de leitura impressionista se aplica ao trecho em que a leitora alega que teve vontade de vomitar por causa do teor das histórias.

Outras leitoras³⁶ trataram da transgressão como um aspecto importante do livro. Vejamos a crítica de Amanda Almeida Matos - que publicou seu texto no blog *Imaginantes*³⁷ em 2017 assim como também no site *Skoob*:

Tudo começou no trabalho de literatura. Eu estava montando o slide referente ao ator [sic] que minha equipe pegou. Alvares de Azevedo, segunda geração do Romantismo, mal do século. Comecei a pesquisar mais sobre suas obras, poemas, história de vida, enfim. E no final do trabalho já com a apresentação concluída, fui na biblioteca da escola e encontrei esse livro. Noite na Taverna. Gosto de histórias onde contém Tavernas, me lembra[sic] RPG. Achei interessante e peguei pra ler.

Acabei me surpreendendo bastante com o livro, mesmo que tenha só 90 páginas, eu passei um tempo lendo e relendo a história. Ou histórias.

Noite na Taverna é um grande clássico da Literatura Brasileira, uma coletânea construída em sete partes com contos macabros e fantasiosos, regados a vícios, crimes e sexo.

Tudo começa em uma noite tempestuosa e escura, onde jovens boêmios se encontram em uma taverna com mulheres bêbadas e mundanas, que adormecem sobre as mesas por causa da tamanha embriaguez. Eles começam a conversar sobre mulheres, religião, filosofia, vinho, etc. Por desafio, cada um deles conta uma narrativa verdadeira e bizarra que tenha vivido

“As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida... — Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...”

Alguns elementos visíveis nas histórias contadas por esses jovens são a melancolia, morte, morbidez e sexualidade inflamada, bem como amores proibidos ou 'mau vistos'... A bizarrice envolve temas como canibalismo, incesto e até necrofilia, contadas [sic] em detalhes e com uma linguagem poética e surreal, típicas [sic] da fase romântica da literatura do século XIX, além de sutis influências dos escritos de Lord Byron e Alfred de Musset... Idealização e subjetivismo permeiam o cenário...

“Parece que a morte no oceano é terrível para os outros homens: quando o sangue lhes salpica as faces, lhes ensopa as mãos, correm a morte como um rio ao mar, como a cascavel ao fogo. Mas assim... no deserto das águas... eles temem-na, tremem diante da caveira fria da morte!”

O livro é dividido em sete partes como já disse, e em cada parte um personagem diferente conta a sua história.

Capítulos

Uma Noite do Século, Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann, Johann e Último Beijo de Amor. (MATOS, 2017)

³⁶ Inferimos o gênero pelo nome de assinatura do texto.

³⁷ <http://blogimaginantes.blogspot.com/>

Se a leitora anterior Lavínia Teodoro descobrira *Noite na taverna* através de uma youtuber, e só achara a obra na biblioteca da escola, aqui a leitora Amanda Almeida Matos (2017) descobriu a novela por conta de um trabalho escolar e afirmou ter gostado da experiência de leitura. Casos isolados ou a instituição escolar não é tão ineficaz - quanto se diz - para formar leitores? Fica a pergunta no ar. A crítica reproduz dois trechos do livro³⁸: um do conto *Solfieri* e o outro do conto *Bertram*. Esses trechos têm em comum a narração de situações limítrofes, tanto social quanto fisiologicamente: o personagem Solfieri sequestrando uma mulher que pensava estar morta (mas em verdade era cataléptica) e Bertram e sua amante, em uma jangada, prestes a cometer um ato de canibalismo contra o comandante (benfeitor de Bertram e marido de sua amante). Coincidentemente ou não, dois momentos que antecederam quebras de tabu sociais. Mesmo não se tratando de um trabalho escolar, temos aqui um tom mais descritivo e a tradicional associação de Álvares de Azevedo com Lord Byron, Alfred de Musset e o romantismo literário.

Se tivemos o caso de um texto que foi sugerido por um trabalho escolar, as leitoras Mara Vanessa e Vivian Pitança postaram o próprio trabalho em blogs literários. Mara Vanessa publicou no dia 03\11\2012 o texto “*Noite na taverna* e os ‘dentes amarelos da morte’” no blog *Dose Literária*³⁹, um diário virtual de leitura altamente colaborativo⁴⁰. A crítica começa com uma minibiografia de Álvares de Azevedo e - além de ser entrecortado por citações deste autor e de outros (Lord Byron por exemplo) - utiliza-se de recursos hipertextuais como fotografias e *links* para vídeos do Youtube. As imagens em geral referem-se à cultura gótica e *dark*, como uma cena do filme *Corpse Bride*⁴¹ e uma foto da artista burlesca Dita Von Teese, com uma legenda que diz:” Dita Von Teese: uma artista burlesca que teria encantado os ultra românticos” (VANESSA, 2012). Os vídeos são arquivos de áudio de músicas das bandas *Avec Tristesse* e *Draconian*⁴². O que as músicas têm em comum é o estilo de rock pesado com arranjos sinfônicos e clima melancólico. No primeiro parágrafo de sua crítica, em apenas duas frases, a autora faz uma síntese do caráter transgressivo

³⁸ Os trechos estão entre aspas no quinto e sétimo parágrafos.

³⁹ <https://doseliteraria.blogspot.com/>

⁴⁰ https://doseliteraria.blogspot.com/p/autoras_30.html

⁴¹ O título brasileiro é *Noiva Cadáver*.

⁴² Respectivamente *Angel After Dark* e *Death Come Near me*.

e de sublimação instintiva de *Noite na taverna*, sendo esta última característica apresentada como uma camada adicional da leitura, se não mais profunda:

Noite na Taverna não é apenas um livro de contos funestos, onde os protagonistas relatam histórias que misturam incesto, necrofilia, antropofagia, infanticídio, violência e morte. A obra consiste também na forma cristalizada que seu autor utiliza para exteriorizar desejos ocultos que lhe dominam a alma (VANESSA, 2012).

No segundo parágrafo há uma certa hesitação em abandonar uma leitura impressionista e ilusionista, pois é sugerido que o valor de verdade das narrativas é questionável apenas por causa do estado patológico dos protagonistas encerrados na taverna (negritos meus):

Antes de tudo, é preciso compreender que essa obra é marcada por forte caráter surrealista, em que fatos oníricos assumem formas reais suplantando a noção de realidade. É um retorno camuflado às visitas de Dante Alighieri ao Inferno em "A Divina Comédia", onde os pecadores são condenados à [sic] penas terríveis. **Os personagens de Azevedo são dominados por momentos de intensa insanidade, delimitados pela presença dos delírios de febre e embriaguez. O tempo torna-se confuso, os personagens são movidos por sentimentos inomináveis oriundos do 'fogo da insensatez'.** Eles vêem [sic], escutam, cheiram, provam e sentem o desencanto pela vida (VANESSA, 2012).

No entanto, a comparação com *A divina comédia* demonstra a propensão em colocar entre parêntese o caráter referencial da leitura, apontando ao invés disso para uma auto referencialidade literária. Seguem-se dois parágrafos de caráter bastante reflexivo:

A evasão é outra marca dessa obra, onde o nome do lugar onde desenvolvem-se os fatos mostra-se completamente desconhecido. Outro detalhe a ser observado é a grande influência estrangeira, refletida nos nomes dos personagens: Solfieri, Bertram, Gennaro, Claudius Hermann e Johann.

Paradoxos acompanham toda a narrativa, deixando o amor puro e a luxúria lado a lado. Não existem valores sociais, cargas morais ou pensamentos religiosos, pois a realidade objetiva não é compatível com os anseios e atitudes dos protagonistas. Todos parecem viver perdidos na complexidade das emoções. (VANESSA, 2012)

Apesar de cada parágrafo tratar de um aspecto diferente da obra, ambos se relacionam com a questão da alienação dos personagens em relação à sociedade, pois eles são apátridas e sociopatas, porém tampouco são livres pois vítimas de seus sentimentos contraditórios e acachapantes.

Em seguida, o texto crítico passa a alternar - ainda que não de maneira totalmente regular - a descrição das histórias com interpretações das mesmas por um viés que

aborda a psicologia do autor Álvares de Azevedo⁴³, como esse trecho a respeito do capítulo Solfieri:

Em minhas observações, notei que o desejo por uma criatura morta é apenas a retomada idealizada de mulheres lânguidas, pálidas, etéreas, flutuantes. A busca pela imagem alva, imaculada e efêmera será a lei da complementação do amor pois, na mente do jovem autor, tais "anjos perfeitos" são capazes de tocar seu coração, então lacrimoso, e retomar as angústias dos autores da segunda geração romântica. (VANESSA, 2012)

Esse tema é levado adiante nos dois parágrafos a seguir:

Mais à frente, o leitor se depara com Gennaro, personagem que se deixou envolver pela mulher (Nauza) e filha (Laura) do pintor Godofredo Walsh, provocando assim uma série de tragédias. A primeira delas é o infanticídio, seguido pela tentativa de homicídio e suicídio. Durante todo o enredo, percebi um maior erotismo, cenas sexuais expostas e consumadas pelo desejo do jovem de possuir a 'beleza da virgindade'.

Talvez isso represente uma sexualidade reprimida em Álvares de Azevedo, revelando o jovem em ebulição existente dentro dele. Para dar maior significado à minha assertiva, enfatizo o poder da luxúria em corpos que ainda não experimentaram o poder sexual e a influência que essa descoberta pode ter exercido no autor. (VANESSA, 2012)

Desenvolve-se aqui a ideia que Álvares de Azevedo sublimou os seus instintos mais inconfessáveis na literatura e alguns parágrafos depois a autora volta à essa tese:

A questão do incesto revela um Álvares oculto, com grande devoção à mãe e à irmã e que, muito provavelmente, procurava nelas o amor e a pureza que tanto o fascinavam. O desfecho da narrativa é dramático e lembra tragédia românticas como *Romeu e Julieta* (Shakespeare) e, especialmente, *Os sofrimentos do jovem Werther* (Goethe). (VANESSA, 2012)

Ao final Vanessa (2012) afirma ter escrito o texto 5 anos antes de sua publicação no blog, quando ela tinha 17 anos. Chama a atenção a precocidade da recepção da jovem leitora, pois o repertório cultural que ela demonstra atenua o efeito que a distância cronológica entre obra e leitor poderia causar. Não existem nesse texto observações sobre o vocabulário ser muito rebuscado ou a violência chocar mais ou menos, de acordo com um determinado parâmetro que transcende o horizonte de expectativas originário da obra. Não é o caso de afirmar, no entanto, que a crítica reconstruiu totalmente o horizonte de expectativas de um leitor de 1855, pois tal recurso é inalcançável (JAUSS et al., 1979, p.173). Karlheinz Stierle aponta que a recepção posterior à época do aparecimento de uma dada obra "[...] faz com que se perca o encanto dos estereótipos da experiência, trazidos pela própria recepção, e isso permite que se patenteie, sob a qualidade quase pragmática, a qualidade

⁴³ Tendo como base aspectos de sua biografia.

ficcional do texto” (Ibidem, 1979, p.173-174). Em outras palavras, o receptor (leitor) diante de uma obra literária do passado, não tem um repertório de experiências em comum com o seu produtor (o autor). Tendo então que reconstruir esse repertório de experiências⁴⁴, o leitor se desvia do caráter (pobremente) conotativo e ilusionista de um determinado tipo de recepção⁴⁵ e vai de encontro à ficção e sua auto referencialidade. A grosso modo, podemos dizer que se um leitor só leu obras literárias contemporâneas antes de chegar a um *Noite na taverna*, sua capacidade de reconstrução do repertório cultural que Álvares de Azevedo tinha em comum com seus leitores na segunda metade do século XIX ficará prejudicada e sua leitura se tornará difícil, árida (Ibidem, p.173-175).

A leitora Vivian Pitança publicou o seu trabalho escolar no seu blog *Reflexão Literária*⁴⁶ com o título ”Morbidez, Orgias e uma taverna “. O blog segue o formato de diário de leituras. Não há nesse caso a carga hipertextual do texto anterior, a autora posta duas imagens que presumivelmente guardam relação com o livro, porém sem especificar a sua procedência. Segue o texto abaixo:

Noite na Taverna, um livro de destaque na literatura romântica brasileira, choca o leitor com sua morbidez. Numa taverna, homens decidem contar histórias sangrentas para passar a noite em meio ao efeito do vinho. Em cada capítulo, um a um conta sua história. O que vemos são histórias românticas, cheias de morbidez, cadáveres, mortes trágicas, orgias e vinho. Tudo em linguagem sofisticada, melancólica e poética. Uma obra romântica em prosa, que se assemelha à segunda geração da poesia. As expressões mórbidas e pessimistas do mal do século marcam presença em Noite na Taverna. Além disso, encontramos a figura do poeta maldito nos narradores que se envolvem em brigas, orgias, festas, paixões e diversas formas de materialismo. (PITANÇA, 2013)

Esse texto segue uma linha mais convencional e contida. No primeiro parágrafo há uma apresentação da situação na qual a obra se inicia - a reunião dos convivas na taverna. A enumeração dos temas transgressores e a relação da obra e do autor com a segunda geração romântica também estão presentes, como nas menções ao

44 Que só a recepção contemporânea à obra oferece de forma espontânea, daí a impossibilidade da reconstrução total do horizonte de expectativas primeiro.

45 Que é a recepção quase pragmática aludida por Stierle, uma recepção que aponta para o extratextual e a ilusão do real ao passo que a verdadeira recepção ficcional é auto referencial, ou *pseudo* referencial, pois o seu referente não tem valor fatural e pode mudar infinitamente. Já a recepção pragmática é a leitura em seu estado mais elementar e aponta necessariamente para uma ação a ser realizada pelo receptor, na qual o texto é apenas um meio para a interação social com o produtor e/ou outros receptores. Uma vez que a mensagem é apreendida competentemente o texto pragmático desaparece, se esgota (JAUSS et al., 1979, p.133-187).

46 <http://vivianpitanca.blogspot.com/2013/08/resenha-noite-na-taverna.html>

pessimismo e à figura do poeta maldito, que segundo a crítica, são sugeridas pelos protagonistas e sua maneira de ser.

No início há uma discussão entre espiritualismo e materialismo, onde é citada a ideologia platônica sobre a imortalidade da alma e questões que envolvem Deus e a fé, fazendo referência ao sangue derramado pela Igreja Católica. Um dos personagens faz dura represália ao espiritualismo, afirmando a morte como único fim a tudo, colocando a impossibilidade da reanimação da matéria. São boas questões a serem levantadas, questões que causam grandes divergências até hoje e que valem serem discutidas. Afinal, na hora da morte, até o mais renomado homem da ciência se questiona sobre seu fim. Quem vence? A morte definitiva ou o espírito imortal? Fica a questão de Noites[sic] na Taverna, fica a questão de nossas vidas. E a discussão flui até que finalmente, sem chegar a uma conclusão, os homens decidem contar histórias sangrentas.

Além disso tudo, outro fator romântico é a idealização da mulher como anjo e demônio, a controvérsia pureza versus sensualidade. Algo que me chamou a atenção foi que em dados momentos a mulher era supervalorizada e em outros, tratada como objeto de prazer. Sempre vista assim: como alvo de prazer e nada mais. Conquistas? Sim, muitas. Como observamos, a mente humana evolui ao longo do tempo, e certos conceitos da barbárie humana ficam para trás. Então, eu gostaria de saber quando nos livraremos da cultura do culto ao corpo, ao abandono do amor? Quando alguns homens deixarão de ver seres humanos iguais a si mesmos como objetos? (PITANÇA, 2013)

Nesses dois parágrafos que se seguem, Pitança discute temas referenciados pela obra: o primeira de cunho filosófico e o segunda referente à idealização da mulher, típica do romantismo. A crítica não se posiciona a respeito do primeiro tema, já quanto ao segundo condena a objetificação da mulher, tido como um perene reflexo da sociedade. Nos dois próximos parágrafos, Pitança tematiza o caráter transgressor das histórias, tendo o capítulo Solfieri como exemplo:

O tom chocante de Noite na Taverna é enorme. Para demonstrar tal, contarei um pouco do conto Sofieri. Em uma noite, o narrador encontra uma mulher misteriosa e sombria na rua. Um ano depois, a reencontra num cemitério. O que há de chocante? A mulher está morta num caixão! Ele, fascinado, despe-a e se aproveita de forma que, em meio ao gozo, ela desperta. Não estava morta! Após ir para sua casa, a noiva do cemitério vive por dois dias mais, enlouquecida. Ao morrer, é sepultada no quarto do narrador, Solfieri, que guarda sua capela de defunta, levando-a sempre junto de si.

Deu para perceber? Morbidez e sensualidade, além de muitas outras coisas. Considerarei este conto interessante, em meio a muitos outros. Apesar do peso da obra, que apresenta necrofilia e antropofagia, considerarei Noite na Taverna uma boa leitura, que desperta interesse no leitor. É diferente, muito diferente do que estamos acostumados a ver (PITANÇA, 2013).

O último parágrafo, a exemplo do anterior, reforça o caráter emancipador de horizonte de leitura da experiência com a obra aqui registrada:

Portanto, se está cansado de livros clichês, cheio de romances sobrenaturais e jornadas de heróis com mesmo roteiro, aventure-se neste livro e delicie-se com o Romantismo. Cuidado se não está muito acostumado com tal

linguagem, pois a leitura pode se tornar cansativa. De qualquer forma, viaje para outro mundo sombrio sem sair de casa. Não se esqueça da sua xícara de chocolate para acompanhar (PITANÇA, 2013).

Em mais um texto postado no Skoob, a leitora Tábata Kotowiski revela o efeito catártico que a leitura de *Noite na taverna* provocou nela e devolve um questionamento aos leitores do site :

Mais um livro daqueles que levantam a questão: Afinal, o que é um bom livro? Basta ser bem escrito? A história ajuda? E a questão da moralidade?

Fiquei particularmente enojada com o conto de Claudius Hermann por conta da história em si. Isso o torna um livro ruim? Sinceramente, não sei. É a dúvida que tenho constantemente quando me deparo com livros tecnicamente bons mas com histórias preconceituosas, machistas, moralmente erradas. Passei pelo mesmo dilema com A Escrava Isaura. O que vocês costumam fazer nesses casos? (SKOUB,2019)

Kotowiski cita o capítulo *Claudius Hermann* cuja história narra os desmandos do seu personagem-título, um rico libertino que narcotiza, estupra e sequestra a duquesa Eleonora, noiva do duque Maffio. Embora a leitora não cite diretamente o que a enojou, é fácil inferir o(s) porquê(s) diante dessa pequena sinopse que mal ocupa três linhas. Não melhora nada saber que mesmo depois disso tudo, a duquesa perdoou os atos de Hermann, pois o amor que ele sentia por ela o havia regenerado! Sem contar com o desfecho onde a duquesa é morta. Na verdade, a idealização da mulher seguida de sua aniquilação nos mais diversos níveis é uma constante em *Noite na taverna* e o enfoque desse tema é uma tendência da fortuna crítica mais recente da obra⁴⁷. Os textos de Mara Vanessa e Vivian Pitança já haviam feito apontamentos nessa direção também. Quando se chama o horizonte de expectativas de” [...] uma consciência ou um saber social, habitado por cada indivíduo, que avaliza não apenas a aceitação da obra de arte, mas a compreensão dos eventos num dado tempo. “(ZILBERMAN, 1984, p.76) entende-se que a literatura e a história não devem ser separadas nos estudos da recepção de uma obra. De 1855 para os anos 2010 mudanças ocorreram na sociedade em relação ao feminino para que essa recepção preocupada com tal questão se cristalizasse. Se dentro da lógica da pergunta e resposta, a literatura - possibilitando experiências estéticas que emancipassem seus leitores de forma livre - teve o seu papel formando novas normas sociais, inclusive

⁴⁷ Ver seção 7, especialmente Volobuef (2005).

pelo questionamento das velhas (JAUSS et al., 1979, p.59-61) é uma questão que fica em aberto, mas não será abordada aqui.

10.2 Crítica ao inacabamento estético

Até agora foram apresentados textos diferentes entre si, mas que de forma unânime, emitiram juízo positivo a *Noite na Taverna* demonstrando um assentimento ao valor canônico da obra. No caso a seguir ocorre algo um pouco diferente. Daniel Coutinho (2017) publicou no blog *Literatura & EU*⁴⁸ uma resenha que contesta a posição privilegiada que o romance ocuparia no cenário literário nacional. Isso fica claro já nos dois primeiros parágrafos:

Peguei *Noite na Taverna* (1855) para ler com grande entusiasmo, com aquele sentimento de “finalmente!” e muita boa vontade. Não esperava do livrinho uma grande obra-prima, uma leitura arrebatadora ou grandiosa; não o superestimava. Esperava, sim, uma leitura agradável, inteligente e curiosa. Curioso é esse livrinho ser tão cultuado no panorama de nossas letras! Sinceramente, eu o achei fraquíssimo; e não pensem que foi por ter criado grandes expectativas; o caso é que não gostei.

Álvares de Azevedo pode ter sido um grande poeta, não o nego. Seu mérito maior foi mesmo o de ter deixado considerável obra, morrendo aos vinte e um anos incompletos. Pode parecer injusto exigir excelência de um prosador que mal saiu da crisálida. Não é bem isso o que estou fazendo! O que não entendo é todo esse apuro atribuído à novelinha (se é que pode ser classificada assim) do poeta da Lira dos Vinte Anos. (COUTINHO, 2017)

No parágrafo seguinte, Coutinho (2017) parte para a comparação com outras obras literárias - que fariam parte da genealogia de *Noite na Taverna* - talvez para deixar claro o caráter de crítica ao valor estético:

O único interesse que vi no livro, sinceramente, foi esse artifício de unificar uma coletânea de contos mórbidos, estabelecendo um fio condutor que perpassa toda a obra, fazendo ainda com que, ao final, este mesmo artifício concentre uma narrativa própria. Tal recurso foi imitado diversas vezes ainda no século XIX, compreendendo influência que resiste até hoje. Em 1862, Franklin Távora publicava *A Trindade Maldita*, obedecendo à risca o modelo de Álvares de Azevedo. Em nosso tempo, Pedro Bandeira, com *Descanse em Paz, meu Amor...* (1996?) aproveitava o mesmo modelo, apenas adequando-o ao gosto do seu público infantojuvenil[sic]. É incrível como tenha gostado dessas duas obras citadas bem mais que da fonte que as inspirou!

Li recentemente também *Noites Lúgubres*, de José Cadalso, obra que, na hipótese de Brito Broca, teria inspirado *Noite na Taverna*. A meu ver, não descarto a possibilidade que Álvares de Azevedo tenha lido a narrativa espanhola e, portanto, sofrido alguma influência; mas afora a morbidez das cenas, não reconheço o reflexo de uma sobre a outra. Fica muito mais

⁴⁸ <http://blogliteraturaeu.blogspot.com/2017/06/noite-na-taverna-de-alvares-de-azevedo.html>.

evidente a influência de Byron e sobretudo Hoffmann, ambos referidos no próprio texto. (COUTINHO, 2017)

No parágrafo seguinte intensifica-se a opção de fazer uma análise imanente, demonstrando conhecimento do histórico da obra e da terminologia da teoria literária (grifos meus). É destacada a inabilidade de Álvares de Azevedo em lidar com os procedimentos literários, dando um caráter de inacabamento estético a sua obra:

Os contos de *Noite na Taverna* (referindo-me apenas às histórias contadas pelos cinco amigos bêbados) beiram o ridículo. **O subtítulo da obra, “contos fantásticos”, foi justamente descartado das edições atuais**, uma vez que à exceção do conto de Solfieri (onde o fantástico aparece vagamente), os demais nada apresentam de fantasioso. Todos os contos rodeiam a mesma **temática**: o amor malogrado pela **tragédia**. As histórias são contadas numa linguagem que oscila entre a **prosa** e a **poesia**, tendo mais efeito quando pendidas para esta última. O prosador Álvares de Azevedo é um simples condutor de marionetes. **Suas personagens são excessivamente artificiais e mal construídas**. O enredo só chama atenção pelo exagero e o tratamento (malcuidado) de temas delicados como antropofagia e incesto. A escrita, enfim, não cativa, não entretém e não agrada (a mim!). A culminância do ridículo está no conto de Bertram, que certamente é o mais fraco do livro, chegando a ser mais rocambolesco que Ponson du Terrail rs. (COUTINHO, 2017)

Ao final, o inacabamento estético é relacionado e em parte justificado pela imaturidade do autor:

Não deixo, contudo, de reconhecer a importância de *Noite na Taverna* enquanto peça de construção da nossa prosa ultrarromântica. Talvez o autor nem a pretendesse publicar, consciente da imaturidade ficcional da mesma. Álvares de Azevedo não teve tempo para trabalhar o prosador imberbe que era. Em outras circunstâncias, poderia ter avultado mais firmemente na história de nossa ficção. (COUTINHO, 2017)

O leitor Júlio, que publicou uma crítica no Skoob, no dia 15\08\2016 também criticou o inacabamento estético de *Noite na Taverna*, mas não ligou tal deficiência à pouca idade de Azevedo, mas sim às filiações estéticas da obra, relacionadas ao gótico e ao romantismo sombrio:

Algumas histórias, em particular as duas primeiras (de Solfieri e Bertran), lembram vagamente a atmosfera criada por Poe, Wilde e Baudelaire, e é seguro dizer que para quem gosta de histórias com uma atmosfera gótica e decadente esse livro vale a pena ser conferido. Algumas histórias conseguem ser bem cafonas, em particular a de Claudius, mas creio que parte desse efeito é proposital, inclusive no início dessa história um dos companheiros de bebedeira interrompe a digressão do narrador gritando por "basta Claudius!", a outra parte provavelmente é devido às influências do autor, ainda sim não chega a ser um empecilho durante a leitura, chegando a fazer parte do charme da obra. (SKOOB, 2016)

Júlio postou uma resenha de Macário junto com a de *Noite na Taverna*, dando ao final de sua resenha mais um indício da filiação estética da novela de Álvares de Azevedo:

“[...] Goethe parece ser para Macário o que Byron foi para Uma Noite na Taverna.”
(SKOOB, 2016)

10.3 Romantismo: familiaridade e impressionismo

Em mais um texto postado no Skoob, no dia 11\09\2010, pelo usuário Diógenes, temos o caso de um leitor que escolheu falar sobre apenas um dos capítulos, *Solfieri*, ainda assim postando uma das resenhas mais longas do site sobre *Noite na Taverna*. Após sete parágrafos contando a história do conto em forma de sinopse, o leitor\crítico filia a novela ao romantismo: “Pode-se notar que este é um conto pertencente ao romantismo, pois acontece quase que em sua totalidade durante a noite; o ambiente é sempre melancólico, sombrio e triste”(SKOOB,2010). A seguir temos a caracterização, regada a muitas citações do conto, do tipo de romantismo que a obra de Álvares de Azevedo evoca - o romantismo sombrio e\ou ultrarromantismo:

Outra característica está logo no primeiro parágrafo do conto, quando ele situa a narrativa em Roma e a nomeia “cidade do fanatismo e da perdição”. E explica o porquê, dando o exemplo da amante de um sacerdote, que dorme no quarto dele com um crucifixo pendurado no leito, “é um requintar de gozo blasfemo, que mescla o sacrilégio à convulsão do amor”. Vê-se aí a descrença nos valores religiosos mesclada com a sensualidade e o gozo físico, tão presentes no romantismo.

O ambiente é também revelador: “as luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas, e a lua de sonolenta se escondia no leito das nuvens”. A figura da mulher: “era uma forma branca.- A face daquela mulher era como de uma estátua pálida à lua”.

Em apenas um trecho se pode encontrar muitos elementos do ultrarromantismo: “havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia; aquela voz era sombria como a do vento à noite nos cemitérios”. Tristeza, loucura, sombra, morte. Também ao dizer que nos beijos das mulheres nada o saciava e que sempre pensava na moça daquela noite, ele demonstra a insaciedade, o não contentamento, a busca por aquilo que não se tem.

Durante a narrativa há menção a várias orgias e à sensualidade e prazer, como em: “dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios, gemendo ainda nos sonhos, como na agonia voluptuosa do amor”.

Solfieri e seus amigos vivem uma vida de farras e embriaguez: “sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez”, “o leito de lájea onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava”, “meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda. A turvação de embriaguez fez que não notassem minha ausência” e “Solfieri encheu uma taça e bebeu-a”. (SKOOB,2010)

O texto então, de forma até brusca, dá um salto de observações que têm mais relação com aspectos de conteúdo da obra para uma análise dos procedimentos de Álvares de Azevedo. Uso a palavra “procedimento” aqui propositalmente, pois a resenha do leitor Diógenes passa a dar corpo às ideias de Victor Chklovski no artigo “A arte como procedimento”. A ideia principal é a da singularização dos objetos na arte poética, operada por uma linguagem que ao invés torná-los prontamente reconhecíveis ao leitor, faz com que o mesmo exercite sua atividade perceptiva para a devida identificação do referente textual. A função do poeta então seria a de trazer ao leitor a sensação de uma experiência original, mesmo quando se refere a um objeto banal:

O conto tem em sua totalidade aquilo que é mais importante em um texto literário: a literariedade. A narrativa é construída através de elementos que fazem o leitor ver a realidade através de outra ótica, é o estranhamento. As imagens que aparecem no conto são aguçadoras de percepções não comuns a uma leitura aliteraria.

O texto não mostra, de forma direta, que aquilo ocorreu em Roma em uma noite, mas sim o apagar das luzes, o lento escurecer e esvaziar das ruas de Roma. Não há economia de palavras. A riqueza de detalhes, e como são postos, é que garantem a literariedade.

Não é narrada simplesmente uma chuva, mas “a chuva caía às gotas pesadas; apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão”. O leitor precisa ir por outro caminho para perceber como era a chuva. Percorre-se um caminho diferente, observa-se por outro ângulo aquilo que é comum.

No trecho: “aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente dela”, por exemplo, não se vê apenas uma mortalha e flores, mas uma cena de beleza e tristeza ao mesmo tempo.

Através da literariedade, uma catalepsia transforma-se em um “sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos e as faces banhados[sic] de lágrimas alheias, sem poder revelar a vida”.

O conto, em sua totalidade, é banhado de tristeza e beleza, de prazer e melancolia. Tem em si toda literariedade que faz com que aquele que o lê não o termine da mesma forma que o começou. (SKOOB,2010)

Enquanto o leitor Diógenes utilizou em sua análise do conto *Solfieri* um dado repertório teórico a fim de demonstrar um certo domínio, ou familiaridade com o objeto estético analisado, a leitora Brenda, em resenha publicada no Skoob, no dia 18\08\2020 confessa estar diante de um corpo estranho:

Não entendi

Honestamente, eu não entendi esse livro!

São algumas histórias, macabras de certa maneira, contadas por homens reunidos em uma taverna bebendo. Tenho que admitir que a obra tem uma pegada muito diferente de outros livros da época.

Sendo um livro pertencente ao período do romantismo no Brasil, ele traz o amor de outra forma, eu diria que muito mais crua. (SKOOB,2020)

As duas últimas frases trazem uma pista do que Brenda estranhou. Percebe-se uma distância entre a noção de literatura romântica que preexistia para a resenhista da que *Noite na taverna* lhe apresentou. O tratamento do tema amoroso, digamos assim, não foi o mesmo de outros livros (pertencentes ao romantismo) que a crítica leu. Não sabemos quais livros ela leu (pois ela não nos diz), mas é possível que a noção do que seja o romantismo brasileiro para Brenda tenha se tornado mais plural e aberta a problematizações depois da leitura de *Noite na taverna*, modificando assim o seu horizonte de expectativas.

11 CONCLUSÃO

Noite na Taverna registra no site Skoob cerca de 10.000 leitores a mais do que *Gabriela, cravo e canela*⁴⁹ de Jorge Amado. Paulo Coelho, que suplantou Jorge Amado no quesito de vendagem de livros, tem no seu *O Alquimista* 109.317 leitores e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis - o autor “chato” temido pelos alunos secundaristas - 242.859. São números que servem de base para ponderar sobre a posição que *Noite na taverna* ocupa dentro do quadro de interesses dos leitores brasileiros do século XXI.

Fica evidente a importância da instituição escolar e da universitária quando se analisam esses números. Os textos aqui analisados também falam por si nesse sentido, não apenas porque pelo menos quatro deles têm relação com a escola e o ambiente que a circunda⁵⁰. Os conceitos tradicionais acerca dos períodos literários e seus estilos correspondentes estão bastante solidificados: Álvares de Azevedo é um

⁴⁹ Para ser mais exato, 9.997 leitores até o dia 20\11\20120.

⁵⁰ Os textos de Lavínia Teodoro (2019), Mara Vanessa (2012), Mandy Matos (2017) e Vivian Pitança (2013).

escritor romântico, mais especificamente um ultrarromântico e *Noite na taverna* deve ser lido como uma expressão do pessimismo, da melancolia e da soturnidade que caracterizam o movimento do qual ele fez parte. Alguns vão por uma via biografista, outros comparam com autores da época como Lord Byron e Edgar Allan Poe; mas o ponto de chegada é o mesmo. O romance gótico aparece aqui como um cânone interpretativo anexo, cuja adesão não é tão forte, mas funciona como um aspecto de sedução do leitor, em se tratando de um texto em muitos aspectos anacrônico e árido para um leitor contemporâneo.

Por outro lado, houve aqueles que buscaram respostas e questionamentos menos confortáveis e desgastados, em geral pela via da literatura como representação da realidade. As crueldades representadas nas páginas de *Noite na taverna* serviram de reflexão (impressionista, na maioria das vezes) sobre a condição humana, mas com uma ênfase particular na condição feminina, vista como um reflexo da realidade que se conserva até os dias atuais. Nesse caso, no entanto, corre-se o risco de transplantar um horizonte de expectativas atual para o Brasil do segundo reinado de sua fase Imperial, um país que sequer havia abolido a escravidão - da qual as mulheres também eram vítimas, por sinal. Se o efeito catártico que as maldades contra as mulheres de *Noite na taverna* provocam nos leitores⁵¹ possibilita uma posterior reflexão e mudança de paradigmas social e cultural (no sentido de emancipação da mulher) é uma questão que pode ser abordada em futuras pesquisas, para quem interessar possa.

A juventude aparece como um signo importante na relação da obra de Álvares de Azevedo com o público. O autor romântico morreu jovem, os protagonistas de *Noite na taverna* narram histórias de sua juventude e, na medida que se pôde aferir, boa parte de seus leitores são dessa faixa etária. Informados sobre a morte na juventude de Álvares de Azevedo os leitores tendem a usar esse dado tanto como um elogio à precocidade, uma indulgência aos problemas estéticos ou um indício historicamente embasado dos mesmos⁵² (aliás, a instrumentalização da biografia para interpretar *Noite na taverna* é outro espelhamento dos textos na web da fortuna crítica em meio

⁵¹ A leitora Lavínia Teodoro relata que teve vontade de vomitar, por exemplo.

⁵² Na crítica de Daniel Coutinho (2017) há essas três posturas em diferentes momentos.

impresso⁵³). A utilização da obra pela instituição escolar no Brasil também serve como força de atração da juventude, ainda que nesse caso a vontade de ler por parte dos alunos fique (muitas vezes) em segundo plano, influenciando a experiência estética negativamente, pois a compulsoriedade pode tirar o prazer da leitura.

Jauss acreditava em uma conduta frente à arte que fosse ao mesmo tempo reflexiva, prazerosa e cognitiva. O poder cognitivo e mediador de normas de ação da arte também Jauss via como desprestigiados, graças à “autonomização progressiva da arte” (Ibidem, p.74-75) a partir do século XIX. Antes disso, essa função cognitiva atrelada ao estético foi onipresente e perene na cultura ocidental (Ibidem, p.74-75).

Para definir o prazer estético e diferenciá-lo frente ao prazer diante dos objetos que não são estéticos, Jauss(LIMA, 1979, p.75-76) parte das reflexões de Immanuel Kant, Ludwig Giesz, Jean Paul Sartre e Moritz Geiger sobre a experiência estética; essa experiência peculiar se caracteriza pela necessária tomada de posição pelo fruidor do objeto estético, já que ele lida com a ausência de um objeto real. É necessário uma postura mentalmente ativa do fruidor (seja ele um leitor, um espectador, um ouvinte) para que o objeto estético seja coproduzido. O sujeito estético se vê então suspenso das atividades de sua rotina diária e ao mesmo tempo protegido dos acontecimentos representados pelo objeto estético; pois esses não o podem atingir. Essa liberação momentânea da existência cotidiana é gozada junto com o objeto estético pelo receptor, que se torna também imaginário, durante a experiência estética. Jauss então define como “prazer de si no prazer do outro” (LIMA, 1979, p.77) a conduta frente ao objeto estético que restaura a união do prazer e da cognição na experiência estética.

Dessa maneira, a escola, como instituição social, tem um papel ambivalente no cenário literário brasileiro. De um lado, impede um cenário de terra arrasada em um país onde o hábito de ler não cresce⁵⁴. Por outro, conferindo um caráter de obrigatoriedade à leitura, afasta os jovens da mesma ou a normatiza excessivamente devido aos métodos tradicionais de ensino e avaliação. Seu caráter de formatação, por assim dizer, do horizonte de expectativas, se mostrou forte e evidente em nossa

⁵³Ver o texto de Mara Vanessa(2012)

⁵⁴ Esse número pode ter potencialmente diminuído, segundo a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência. Os dados apontam para uma diminuição de 9,1% de leitores em relação à pesquisa, de mesma natureza, feita em 2007 (G1, 2012).

realidade, definindo em grande parte a faixa etária e os preceitos de interpretação literária.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada, Literatura e Leitura**. São Paulo: UNESP, 2004.
- AGUIAR, Maurício Maia. Machado de Assis em Perspectiva: Os olhares divergentes de Silvio Romero e José Verissimo. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, Jan./apr.2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752015v5i1n1>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752015000100269. Acesso em 9 ago.2020.
- ANDRADE, Mario de. **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins, 1972.
- AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso. Os estudos literários na Universidade. In: GONÇALVES; M., MARTINS; J. C. O, SILVA; J. A. C (org.). **Pensar a literatura no século XXI**. Braga: Faculdade de Filosofia, 2011, p. 27- 52.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BRENDA \ LITERATURA DIFUSA. **Não entendi**. 2020. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/1640/recentes/>. Acesso em: 2 de Out.de 2020.
- BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro**. São Paulo: Polis, 1979.
- CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil:1875 a 1950**.Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. **A Educação Pela Noite e outros ensaios**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CAVALCANTE, Maria Imaculada. Álvares de Azevedo, um contista fantástico. **Linguagem: Estudos e Pesquisas, Catalão**, v.10-11,2007.DOI:10.5216/lep.v10i1.11753 .Disponível em: <https://revistas.ufg.br/lep/article/download/32530/17298>. Acesso em: 12 ago.2020.
- CONCEITO.DE. Internet. Disponível em: <https://conceito.de/internet>. Acesso em:01 Set. de 2020.
- COUTINHO, Daniel. **Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo - RESENHA #49**.2017.Disponível em: <http://blogliteraturaeu.blogspot.com/2017/06/noite-na-taverna-de-alvares-de-azevedo.html>. Acesso em: 20 de Out. de 2020.

CUNHA, Cilaine Alves. A fundação da literatura brasileira em Noite na Taverna. **Itinerários**, Araraquara, n.22, p.115-133. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2784>. Acesso em: 29 jul.de 2020.

CUNHA, Cilaine Alves. Tristezas de uma geração que termina. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, n.6-7, p.31-55, 8 dez. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116607/114195>. Acesso em: 2 ago. de 2020.

DIÓGENES. **Resenha Crítica do conto: SOLFIERI**. 2020, Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/1640/mais-gostaram>. Acesso em: 02 de Out. de 2010.

EULALIO, Alexandre. Prefácio. BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos e ultra-românticos**: vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis, 1979.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Astarte e a Espiral**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973.

G1. **Número de leitores caiu 9,1% no país em quatro anos, segundo pesquisa**. São Paulo e Brasília, 2012. Disponível em: <http://glo.bo/1mThU7g>. Acesso em: 10 de Nov.de 2020.

GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. **Conexão Professor**: tudo que interessa ao professor da rede estadual, Rio de Janeiro, apr. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090430125516/http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/temas-especiais-26e.asp>. Acesso em: 21\12\2020.

HANSEN, João Adolfo. Por que ensinar literatura? In: **O que significa ensinar literatura?** CECHINEL, A; SALES, C. (org.). Florianópolis: EdUFSC; Criciúma: Edunesc, 2017, cap.8, p.141-167.

JAUSS, Hans Robert. **A História da literatura como Provocação à Teoria Literária**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 213 p.

JÚLIO. **[Resenha do Skoob]**. 2016. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/1640/mais-gostaram/mpage:4>. Acesso em: 8 de Out.de 2020.

KOTOWISKI, Tábata. **[Resenha do Skoob]**. 2019. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/1640/mais-gostaram/mpage:8>. Acesso em: 12 de Nov.de 2020.

LIMA, Luiz Costa (sel.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Introdução e revisão técnica de Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MAURO, Tereza Cristina. **Entre a descrença e a sedução**: releituras do mito de Don Juan em Álvares de Azevedo e Castro Alves. 1ed. São Paulo: Rafael Copetti, 2015.

MATOS, Amanda Almeida. **Noite na Taverna - Álvares de Azevedo**. 2017. Disponível em: <https://blogimaginantes.blogspot.com/2017/07/livro-noite-na-taverna-almvares-de.html>. Acesso em: 13 de Out. de 2020.

OLIVEIRA, Jefferson Donizetti De. **Um Sussurro nas trevas: uma revisão da recepção crítica e literária de Noite na Taverna, de Álvares de Azevedo**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PANDOLFI, Maira Angélica. **Leituras e releituras românticas**. Assis: UNESP, 2006. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103688/pandolfi_ma_dr_assis.pdf;sequence=1. Acesso em: 14 jul. de 2020.

PITANÇA, Vivian. **Resenha: Noite na Taverna**. 2013. Disponível em: <https://vivianpitanca.blogspot.com/2013/08/resenha-noite-na-taverna.html>. Acesso em: 1 de Nov. de 2020.

REIS, Carlos. O day after de uma crise: novos horizontes da leitura In: NOVOS HORIZONTES DAS HUMANIDADES. 2007, Braga. **Colóquio**. Faculdade de Filosofia, 2006, p. 67-88.

SIGNIFICADOS. INTERNET. Disponível em: <https://www.significados.com.br/internet/>. Acesso em: 01 Set. 2020

SIGNIFICADOS. WWW. Disponível em: <https://www.significados.com.br/www/>. Acesso em: 01 Set. 2020.

SODRÉ, Paulo Roberto. Tópica horaciana nos versos burlescos de Bocage. **Via Atlântica**, São Paulo, n.32, p.301-323, Dez.2017. DOI: 10.11606/va.v0i32.125841. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/viaatlantica/article/view/125841/137006>. Acesso em: 4 Ago. 2020.

STECHITTI, Aline. **Bêbados reunidos contando suas histórias... Hmmm...** 2013, Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/1640/mais-gostaram>. Acesso em: 26 Set. 2020.

TEODORO. Lavínia. **Macabro e fascinante**. 2019, Skoob. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/1640/mais-gostaram/mpage:2>. Acesso em: 5 de Out. de 2020.

VANESSA, Mara. **Noite na taverna e os 'dentes amarelos da morte'**. 2012. Disponível em: <https://doseliteraria.blogspot.com/2012/11/noite-na-taverna-e-os-dentes-amarelos.html>. Acesso em: 22 de Out. de 2020.

VENTICINQUE, Danilo. Redes sociais trazem a literatura para a internet. **Época**, out. 2009. Seção mente aberta. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI96567-15220,00-REDES+SOCIAIS+TRAZEM+A+LITERATURA+PARA+A+INTERNET.html>. Acesso em: 21\12\2020.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. Brasília: Univ.de Brasilia, 1963.

VOLOBUEF, Karin. Álvares de Azevedo e a ambigüidade da orgia. **Organon**, Porto Alegre, v. 38/39, n.38-39, p. 113-131, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30064/18649>. Acesso em: 29 Jul. de 2020.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989. 124 p.

